

alyson Noël

AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER

os imortais



Radiante

SÉRIE RILEY BLOOM





Radiante

SÉRIE RILEY BLOOM | LIVRO 1

Para Jean Feiwel, por tornar isto possível —
obrigada, obrigada, obrigada!

“Posso estar morta, mas ainda sou linda.”

— Buffy, a Caça-vampiros



A maioria das pessoas acha que a morte é o fim.
O fim da vida — dos bons tempos —, o fim de... bem, praticamente tudo.
Mas essas pessoas estão enganadas.
Completamente enganadas.
Eu sei muito bem.
Faz quase um ano que morri.



A parte mais estranha de morrer é que nada mudou de verdade. Quero dizer, as pessoas esperam uma grande mudança, não é? Porque morre... *bem*, vamos encarar, é uma situação bastante dramática. Escrevem músicas sobre isso, livros e roteiros também. É inclusive um dos temas principais de desenhos animados que passam no sábado de manhã. Mas na realidade não é nada parecido com o que passa na tevê.

Nada mesmo.

Pegue meu caso como exemplo. Sou uma prova viva, hmmm, melhor dizer, morta, de que na verdade não é tão diferente. Pelo menos não à primeira vista. E não de um modo negativo, como você deve estar pensando.

Porque a verdade é que, no momento em que morri, senti-me mais viva do que nunca. Podia pular mais alto, correr mais rápido e até atravessar paredes se quisesse. E foi isso que me fez perceber.

A parte de atravessar paredes.

Já que eu não podia fazer isso antes, foi o que me fez compreender que algo estava acontecendo.

Algo sério.

Mas, até então, parecia apenas uma viagem fora do roteiro muito divertida. Como se meu pai tivesse decidido mudar repentinamente de caminho sem que ninguém estivesse esperando.

Em um momento ele estava dirigindo por uma estrada sinuosa enquanto eu cantava e ouvia meu iPod, com a cabeça do meu cão Buttercup descansando em meu colo, fazendo o possível para ignorar Ever, minha irmã mais velha e mandona, que praticamente vivia para me atormentar. Quando vi, estávamos em um lugar completamente diferente.

Não estávamos mais na estrada, não estávamos mais no Oregon. De algum modo, havíamos parado bem no meio desse lindo campo cintilante cheio de árvores agitadas e flores tremulando. E quando meus pais foram para um lado e minha irmã para o outro, eu fiquei ali, virando a cabeça de lá para cá, como louca, sem saber quem seguir.

Parte de mim insistia: “Atravesse a ponte com mamãe, papai e Buttercup; eles sabem o que é melhor!”

Enquanto a outra dizia: “Não seja tão obediente; se Ever vir algo incrível e você perder, ficará arrependida para sempre!”

Quando finalmente decidi ir atrás de minha irmã, havia demorado tanto que ela já não estava mais lá.

Simplesmente... desaparecera.

Na névoa cintilante.

De volta ao plano terreno.

E foi assim que fiquei presa. Presa entre dois mundos.

Até que encontrei o caminho para Aqui.

É assim que chamam este lugar, “Aqui”.

E, se alguém for tolo o suficiente para perguntar as horas, a resposta será “Agora”.

Provavelmente, por não haver tempo Aqui, significa que tudo acontece, bem, no momento em que acontece que é sempre... *Agora*.

Então acho que é possível dizer que vivo Aqui & Agora.

Que, por incrível que pareça, não é tão diferente de Eugene, no Oregon, onde eu morava.

Com exceção de não haver tempo. E, é claro, há aquela parte sobre conseguir atravessar paredes e tudo mais.

Mas exceto por isso, e pelo fato de poder materializar o que quiser — como casas e carros e roupas, até animais e praias, simplesmente ao imaginá-los —, é tudo praticamente igual.

Meus pais estão Aqui. Meus avós também. Até meu doce labrador amarelo Buttercup conseguiu chegar. E, mesmo podendo morar em qualquer lugar que quiséssemos, em qualquer tipo de casa que desejássemos, o engraçado é que meu bairro é praticamente uma réplica do antigo, no Oregon.

É tudo idêntico, desde as roupas penduradas no armário até as meias enfiadas nas gavetas e os cartazes colados nas paredes. A única diferença, e que me incomoda um pouco, é o fato de todas as casas vizinhas estarem vazias. Em grande parte porque todos os meus antigos vizinhos e amigos estão vivos, passam bem e vivem no plano terreno (pelo menos por enquanto!). Mas, ainda assim, exceto por isso, é exatamente do modo como me lembro.

Exatamente como desejei.

Só queria ter alguns amigos com quem eu pudesse aproveitar tudo.



Quando acordei nesta manhã — ah, esse é mais um detalhe... Provavelmente achou que eu não precisasse dormir, não é? No começo eu também achei. Mas, como meus pais me explicaram, nós estamos, de certo modo, mais vivos do que nunca, somos feitos de energia em sua forma mais pura. E depois de um longo dia criando, materializando e, bem, fazendo tudo o que as pessoas fazem Aqui, a energia precisa de um período ocioso, de um pequeno cochilo para descansar, recuperar-se e se regenerar. E isso, mais uma vez, não é diferente da vida no plano terreno.

Seja como for, quando acordei nesta manhã, com Buttercup abanando o rabo e lambendo meu rosto, apesar de ser um modo bastante legal de acordar, nada me impediu de empurrá-lo, puxar o cobertor até a cabeça e virar as costas para ele. Com as pálpebras bem apertadas, tentei voltar para meu sonho, enquanto ele continuava a choramingar, chiar e me bater com a pata. E quando estava prestes a empurrá-lo novamente, eu me lembrei:

Buttercup estava empolgado por mim.

Todo mundo estava empolgado por mim.

Desde que cheguei Aqui, praticamente estive ocupada me adaptando à nova vida, acostumando-me novamente ao lado de minha família e, basicamente, tentando aprender como agir neste lugar. E agora que estava acomodada, havia chegado a hora do primeiro dia de aula (sim, temos escola Aqui; o lugar não se resume a passeios nas nuvens e brincadeiras felizes, sabe?), e como todos estavam tão empolgados com isso, tornou-se meu dever atuar como se estivesse empolgada também.

Empolgada o suficiente para sair da cama, me arrumar e materializar, sem pressa, algo legal para vestir. Assim poderia, bem, segundo meus pais, ir a um lugar onde:

“Conheceria novos amigos, aprenderia algumas coisas novas e, em um piscar de olhos, estaria no mesmo ponto em que parei em minha antiga escola!”

Mesmo duvidando muito disso, mesmo com certeza absoluta de que não havia modo daquilo ser verdade, apenas sorri e concordei. Queria que eles pensassem que eu estava tão ansiosa por aquele momento quanto eles claramente estavam.

Não queria que soubessem o quanto eu sentia falta de minha antiga vida. Sentia tanta falta que experimentava uma dor constante dentro de mim. Não queria que soubessem que eu tinha certeza absoluta de que essa escola, não importava o quanto alegassem ser legal, nunca poderia competir com aquela que deixei para trás.

Então, depois de tomar café da manhã com minha mãe e meu pai (e não, não precisamos mais comer de verdade, mas você abriria mão do sabor do cereal Lucky Charms se não fosse necessário?), eu saí. A princípio, vestia o uniforme típico de escolas particulares — blusa branca, saia xadrez, casaco azul, meias brancas, e bons sapatos, já que sempre quis frequentar uma escola que exigisse esse tipo de vestuário, mas no meio do caminho mudei de ideia e troquei por jeans skinny, sapatilhas e um cardigã azul bem macio sobre uma camiseta regata branca com o logotipo de minha banda favorita.

É sério, materializar é fácil assim — pelo menos Aqui. É só pensar no que quiser, qualquer coisa, imaginar claramente na cabeça e *voilà*. De uma hora para outra é seu!

Seja como for, segui assim, mudando de um para o outro, alternando os dois visuais. Dando dois passos para a frente como uma menina de escola particular e mais dois vestida como uma garota de doze anos extremamente estilosa. Imaginando quem ficaria com a versão que estivesse usando assim que chegasse à escola, sabendo que poderia mudar em um instante se acabasse escolhendo a opção errada.

Mas então, no meio do caminho, eu vi *aquilo*.

O Observatório.

O lugar sobre o qual meus pais haviam me alertado.

Insistiam que não levaria a nada de bom. Que eu apenas me tornaria mais obsessiva, enquanto precisava concentrar minhas energias em seguir adiante, me estabelecer e aceitar o fato de que, gostando ou não, agora sou oficialmente moradora de Aqui & Agora. Alegavam que já era hora de dar as costas à minha antiga vida e focar em aceitar a vida após a morte.

— Já ficou tempo suficiente no plano terreno — disse meu pai, lançando-me seu olhar compadecido, porém preocupado.

Enquanto isso minha mãe observava com os olhos semicerrados, os braços cruzados, sem se deixar levar nem durante um segundo por minhas alegações de mera curiosidade.

— Sua irmã tem as próprias lições para aprender, o próprio destino para cumprir, e não cabe a nós interferir — disse, recusando-se a mudar de ideia ou mesmo a tentar ver pela minha perspectiva.

Embora suas intenções fossem boas, a questão é que eles não conheciam minha irmã tão bem quanto eu. Não percebiam que ela precisava de mim de um modo que não chegavam nem perto de compreender. Além disso, se é verdade que não existe tempo, então não poderia chegar atrasada na escola, certo? Então, o que poderia acontecer de ruim?

Totalmente convencida, fiz um pequeno retorno e entrei, peguei um número no distribuidor de senhas na parede e segui para meu lugar na longa fila. Estava cercada por um grupo de grisalhos que falavam sem parar sobre os netos que mal podiam esperar para ver, até que meu número finalmente apareceu na tela e eu caminhei até a cabine que acabara de desocupar, fechei as cortinas, acomodei-me na banquetta de metal e assinalo o local desejado, analisando a tela com cuidado até encontrá-la.

Ever.

Minha irmã.

Minha irmã adolescente loura de olhos azuis que se parece muito comigo, menos o nariz. Ela teve sorte de puxar o nariz perfeito de nossa mãe — enquanto eu puxei o, *hmmm*, mais achatado de nosso pai.

“Um nariz com personalidade”, meu pai gostava de dizer. “Não há nenhum outro igual, em lugar algum, a não ser em seu rosto!” Sempre seguido de um apertão no nariz que me fazia rir.

Embora tenha observado pelo que pareceu bastante tempo, não posso dizer que tenha visto muito. Ou pelo menos nada importante. Nada que possa ser considerado de parar o coração (e não, meu coração não bate mais, é apenas uma expressão). O que vi, basicamente, foi uma menina vivendo por inércia, esforçando-se bastante para fazer com que todos ao redor achassem que era uma pessoa perfeitamente normal. Levando uma vida perfeitamente normal, quando a verdade é que eu tinha certeza absoluta de que não era nada disso.

Ainda assim não conseguia parar de olhar. Não conseguia impedir que aquele sentimento antigo tomasse conta de mim de novo.

Aquele pelo qual parecia que meu coração incharia tanto que certamente explodiria, e faria um grande buraco no peito.

Aquele pelo qual minha garganta ficava quente e apertada, meus olhos começavam a arder e eu sentia tanta saudade, sentia tanta nostalgia, que faria o que fosse necessário para voltar.

Voltar ao plano terreno.

Voltar ao lugar ao qual eu realmente pertencia.

Porque a verdade é que, por mais que eu estivesse me esforçando para fazer cara de corajosa e deixar todos pensarem que estava me adaptando bem e realmente aprendendo a amar minha nova vida Aqui, na realidade eu não estava.

Não estava me adaptando.

Não estava aprendendo a amar quase nada.

Não. Mesmo.

Aliás, se tivesse oportunidade, teria feito tudo a fim de localizar a ponte novamente, para atravessá-la correndo sem nem olhar para trás.

Eu faria tudo para voltar para casa, para minha *verdadeira* casa, e viver com minha irmã novamente.

E não foi preciso muito tempo olhando para a tela para saber que Ever sentia praticamente o mesmo. Ela não apenas sentia minha falta, como estava bem claro que precisava de mim tanto quanto eu dela.

E isso era tudo de que eu precisava para saber que fiz a escolha certa. Era tudo de que eu precisava ver para não me sentir nem um pouco mal por ter contrariado os desejos de meus pais e entrado no Observatório às escondidas. Porque na verdade eu me sentia absolvida.

Às vezes é necessário agir por conta própria.

Às vezes é preciso fazer o que, no fundo, você sabe que está certo.



Depois de observar pelo que pareceu bastante tempo, cedi a banqueta para um cara de meia-idade com um daqueles bigodes enrolados que se veem mais em desenhos animados do que na vida real. Deixei o Observatório e cheguei à escola vestindo a saia xadrez, a blusa branca e o casaco azul, e decidi manter o visual, evitando qualquer constrangimento catastrófico no que diz respeito à moda.

Fiquei feliz em ver que não era a única usando uniforme, que havia muitos outros que também vestiam. Mas também havia gente usando sáris e quimonos e todos os tipos de vestes internacionais bem legais. Praticamente todas as etnias estavam presentes e representadas. E foi aí que me dei conta da dimensão real do que estava acontecendo Aqui.

Eu finalmente era a aluna de intercâmbio que sempre quis ser.

Quando o som suave e vibrante dos sinos de vento soou no ar, todos começaram a caminhar na mesma direção, e, como eu não tinha ideia do que fazer, ou para onde ir, apenas os segui.

Misturei-me à multidão de alunos enquanto andávamos por um belo caminho repleto com todos os tipos de flores, plantas e árvores exóticas. Atravessamos uma pequena ponte, por cima do maior e mais surpreendente lago de carpas que já havia visto, e entramos em uma edificação parecida com as imagens que vi do Parthenon, na Grécia, exceto pelo fato de não ser antigo e estar em ruínas, com colunas a menos e tudo mais. Essa versão em particular era feita de um mármore tão brilhante, branco e imaculado, que parecia ter sido construída naquele mesmo dia.

Subimos as escadas e nos sentamos em um banco de mármore comprido. Apertei-me ao lado de uma garota que usava um uniforme azul e amarelo de líder de torcida, enquanto um menino, vestindo uma longa túnica de algodão bege, calças do mesmo tecido e sandálias de couro velhas, espremia-se do outro lado. Eu estava prestes a me virar para ele, e perguntar de onde ele era, e há quanto tempo estava morto. Quando um velhote, de cabelos dourados, compridos e faiscantes (sim, *faiscava* de verdade — não estou inventando), usando um longo manto cintilante — tão comprido que se amontoava em volta dos pés e se arrastava pelo chão como a cauda de um vestido de noiva — chegou meio que deslizando à sala, e todos se levantaram.

Quer dizer... todos menos eu.

Porque a verdade é que ao vê-lo ali, parado diante de nós daquele jeito, *bem*, fiquei um pouco surpresa.

Sem contar que engasguei.

Mesmo calculando estar Aqui havia mais ou menos o período de uma semana (eu contava o tempo pelo número de vezes que ia dormir, considerando uma vez para cada dia), ainda não tinha visto o Figurão, mais conhecido por essas bandas como O Cara.

Mas aparentemente aquilo estava para mudar, porque a líder de torcida sentada a meu lado agarrou meu casaco e continuou puxando a manga até estarmos ombro a ombro. Sua mente murmurou para a minha: *O que está fazendo, colega? É melhor se levantar para que Perseus possa contar você!*

— Perseus? — Olhei para ela sem me dar conta de que havia falado alto, até que o bobão com cabelo sebo e óculos de nerd sentado à minha frente se virou e pensou: Shhh!

Fechei a boca e olhei bem para á frente, com a sensação de que o tal Perseus estava olhando diretamente para mim, e então, depois de dar uma olhada em volta, observei que ele estava mesmo. Mas não só para mim, ele olhava praticamente para todo o mundo, fazendo um tipo de chamada mental, o que provavelmente explicava por que todos estavam tão comportados.

Até então, eu nunca vira um grupo tão grande de alunos bem-comportados, principalmente em um agrupamento como aquele. Fiquei esperançosa de que não fosse sempre assim. Que todos nós não tivéssemos que nos transformado imediatamente em anjos e santos por estarmos Aqui. Que no meio da multidão houvesse, pelo menos, alguém que pudesse vir a ser um amigo e que entendesse o valor fundamental de bagunçar.

Porque senão, *bem*, seria muito chato, não?

Fiquei tão distraída com o pensamento que nem percebi que a música havia começado, até que a menina vestida de líder de torcida cutucou meu braço e apontou para Perseus, agora no centro do palco. Ele tinha uma guitarra elétrica pendurada no corpo e acompanhou a todos no refrão de “You Can’t Always Get What You Want”. Arrastou a música por muito mais tempo do que era necessário, deixou-a muito mais longa do que me lembro, e ainda acrescentou uns riffs com guitarra que certamente nunca ouvi nos velhos CDs de meu pai. Recebeu com satisfação os aplausos de pé de todos quando finalmente, misericordiosamente, parou de tocar e logo tirou o manto brilhante, revelando-se apenas mais um hippie tradicional de jeans desbotados, camiseta vintage de um show dos Rolling Stones e pés descalços.

Devia estar aqui da última vez, quando ele nos obrigou a cantar “Get Off of My Cloud”, pensou a líder de torcida, empurrando meu ombro para baixo, sinalizando que era hora de me sentar novamente. Inclinou-se em minha direção e sussurrou:

— Demorou uma eternidade. Juro que ele está apenas esperando o momento propício até que Mick e Keith apareçam, e então nunca mais o veremos. — Quando ela se afastou, sorriu com tanto brilho que todo o seu corpo iluminou-se com uma luz esverdeada belíssima.

— Como faz isso? — perguntei, ignorando qualquer que fosse a mensagem telepática que Perseus estivesse enviando, enquanto observava as longas fileiras de tranças da menina, com belas contas coloridas pendentes nas pontas, os grandes olhos castanhos, lábios cor-de-rosa e pele escura. Ao notar sua expressão de dúvida, o modo como inclinou a cabeça para o lado, dei mais explicações por meio de pensamento: *Você sabe. Brilhar desse jeito. Como faz isso?*

Ela olhou para mim com os olhos semicerrados e me fitou. Começou pelos sapatos e subiu lentamente até a franja, penteada para o lado, da forma como comecei a usar recentemente. Ela parecia pronta para me dar a resposta quando o cara à minha esquerda me cutucou e disse:

— Desculpe-me, mas... *Com licença?*

Encolhi os pés e o observei passando pelos meus joelhos, descendo as escadas e seguindo para o palco, onde ficou ao lado de Perseus. Sorria de alegria no meio da multidão, como se tivesse realizado algo extremamente importante e grandioso, embora eu não conseguisse nem imaginar o que poderia ter sido.

E, quando o bobão na minha frente desceu também, fiquei surpresa ao vê-lo ser recebido com uma salva de aclamações e palmas, e até um ou outro assobio, e uma ou duas vaias. Logo depois, a menina que estava ao meu lado se virou para mim, colocou a mão direita em meu joelho e, com sotaque britânico forte, disse:

— Você é nova aqui, não é?

Fiz que sim com a cabeça, mesmo sem precisar, já que ela parou por apenas um segundo antes de começar a falar novamente:

— Eu sempre consigo perceber. Mas não se preocupe. Com o tempo todas as suas dúvidas serão respondidas. Cada uma delas. Mas apenas com o tempo. — Ela me olhou novamente e acrescentou: — E só quando estiver pronta.

E antes que eu pudesse responder, ela se foi.

O brilho radiante praticamente deslocou-se atrás dela enquanto descia as escadas e ia para o palco, sorrindo e acenando para aqueles que ainda estavam sentados nas arquibancadas. Nossos olhares se encontraram por um instante, e ela pensou: *Desencana. A pessoa certa a encontrará e lhe mostrará o caminho.* Depois ela se virou para o bobão e cochichou no ouvido dele.

Olhei para todos os lados, imaginando exatamente onde poderia estar essa tal pessoa certa. Seria alguém do palco? Das arquibancadas? Ou seria alguém totalmente diferente? E como aqueles que estavam ali, parados no palco, sabiam que era sua vez de descer? Bem... Eu não ouvi nenhum pensamento que parecesse me convocar, nem nenhuma lista de nomes sendo chamados. De algum modo, parecia que todo mundo sabia exatamente para onde ir, quando ir, e o que fazer ao chegar.

Todos pareciam saber exatamente o que estava acontecendo — e exatamente o que significava.

Todos tinham um propósito.

Todos menos eu.

Para mim, tudo parecia uma sequência de acontecimentos aleatórios, sem relação alguma.

Mas então, depois de observar por mais tempo, percebi que poderia não ser tão aleatório como parecia à primeira vista, porque todos naquele palco tinham algo em comum.

Algo importante que faltava nos outros.

Todos brilhavam.

Seus corpos irradiavam o brilho mais belo e cintilante, de um verde profundo.

Enquanto os demais de nós, ainda sentados nas arquibancadas, éramos compostos de tons variados do espectro pálido fantasmagórico.

Coloquei as mãos diante de mim e as examinei atentamente, apenas para ter certeza de que não estava deixando de perceber algo. Mas, apesar de precisarem desesperadamente de uma manicure, estavam como sempre. Dedos finos, nós pequenos, algumas pintas, mas nenhum brilho à vista, nem um pequeno indício.

Quando o palco estava praticamente cheio, todos ao meu redor levantaram-se e aplaudiram. Sem querer parecer que eu não tinha noção alguma, levantei-me também. De pé, arrumando discretamente o casaco e alisando a saia, não demorei muito para me misturar novamente à multidão, dirigindo uma pergunta a qualquer um que fosse gentil o suficiente para respondê-la:

— E então... para onde vamos agora?

Esperava que alguém quisesse colaborar e ajudar uma novata — dar um empurrãozinho na direção certa, ou até mesmo em uma direção qualquer —, já que começava a me sentir ainda mais confusa do que quando cheguei a este lugar. Até então, nada que havia visto parecia uma escola e tampouco fazia algum sentido.

— Nós vamos para o *lugar* designado a nós, e você vai para o lugar designado a você — disse o cara à minha frente, olhando para trás tempo o suficiente para acrescentar em tom não muito educado: — *Aonde mais poderia ir?* — De forma que minhas bochechas ficaram vermelhas e meus lábios bastante fechados.

Respirei fundo (e não, não precisava mais respirar, mas alguns hábitos realmente são difíceis de perder) e fiz o possível para ficar quieta e simplesmente me misturar com as outras pessoas. Minha mente rodava, cheia de dúvidas: para que droga de lugar estamos indo? Por que todos estavam agindo tão silenciosos e obedientes? E onde exatamente estariam os supostos amigos que meus pais juraram que eu encontraria? — aqueles com interesses comuns aos meus, aqueles que gostavam de bagunçar e se divertir?

E, quanto mais eu olhava em volta, mais convencida ficava de que, no que dizia respeito a escolas, essa era a mais estranha e todas.

E no que dizia respeito aos alunos, bem, esses também eram estranhos.

E não tinha escapatória; aquilo tudo estava me assustando.

Continuei olhando, desesperada para encontrar alguém, qualquer pessoa, com quem pudesse conversar. Alguém que pudesse me dar uma dica do local para onde — todos — estávamos indo... e o que aconteceria quando chegássemos lá.

Mas... nada.

A maioria nem olhava para mim, e os poucos que apenas sorriam educadamente logo desviavam o olhar. Isso fez com que eu me sentisse tão sozinha e com saudades

de casa que era como se houvesse um torno dentro de mim, apertando minhas entranhas.

Ainda assim, continuei andando, colocando um pé na frente do outro, ignorando meus piores medos, enquanto tentava me manter esperançosa e esperta (pelo menos na aparência) e esperar para ver aonde chegaria. Mas lá no fundo eu estava ansiosa, nervosa e mais do que apenas um pouco assustada. Tudo o que queria de verdade era ir para casa, vestir o pijama e ficar encolhida na cama com Buttercup ao meu lado.

O dia que eu temia, que meus pais juraram que abriria todo um novo, e empolgante mundo, com todas as minhas coisas preferidas, como aulas de arte, de literatura, de línguas estrangeiras e talvez até mesmo de canto, teatro, dança e desenho de moda, e equitação também — o dia que deveria me fazer esquecer tudo a respeito de minha antiga vida e adotar alegremente a nova —, estava sendo justamente como temi:

Horrível.

Nem um pouco parecido com o que eles disseram que seria. E ficou bem claro que, quando se tratava desse tipo de assunto, eles não tinham a mínima ideia. Nada do que eles prometeram estava na programação, pelo menos não em minha programação.

Por tudo o que eu vira até o momento, essa escola era abarrotada de rituais estranhos e pessoas estranhas que brilhavam e diziam coisas estranhas que eu não chegava nem perto de entender. Qualquer empolgação forçada com a qual tenha começado meu dia, bem, foi rapidamente destruída e completamente apagada pela certeza absoluta de que eu não me encaixava.

Nunca me encaixaria.

Era praticamente certo que eu não pertencia a Aqui.

Deveria haver outro lugar onde eu me adaptasse melhor.

E eu não apenas tinha certeza disso, mas estava determinada a fazer o que fosse preciso para encontrá-lo.



Depois que todos desapareceram — e eu estou falando a sério, simplesmente seguiram no que pareciam zilhões de direções diferentes —, decidi seguir o conselho da líder de torcida e tentar aparentar ser uma pessoa *desencanada*. Mas na verdade eu estava fingindo. Por dentro eu estava nervosa, agitada e humilhada de ficar ali parada, sozinha, parecendo tão perdida e desavisada daquele jeito.

Como uma completa fracassada no primeiro dia de aula.

E sabia que qualquer um que me visse concordaria com isso.

Eu me joguei em um banco de madeira esculpida, agindo como se estivesse apenas cuidando de minha própria vida enquanto observava a água jorrando de querubins de pedra que cercavam a fonte diante de mim, quando na verdade estava tentando decifrar o que aquela garota quis dizer quando afirmou que a pessoa certa me encontraria e mostraria o caminho.

Ela estava falando de um guia?

Tipo um conselheiro ou um anjo da guarda?

E, se fosse isso, eu deveria fazer algo para que soubessem que eu estava Aqui? Pronta, disposta e apta a começar logo, antes de perder toda a paciência e resolver ir para casa e nunca mais voltar?

A multidão ao redor diminuía enquanto eu mordia as unhas, de modo que as reduzi de irregulares a lamentáveis. Não parei até que elas estivessem roídas no sabugo, o pátio estivesse completamente vazio, e sobrássemos, só eu e ele: o bobão que estava sentado à minha frente no auditório.

O que virou para trás e fez *Shhh!*

Aquele com o cabelo sebooso penteado para trás e óculos de nerd com armação preta no alto do nariz, com a lente tão grossa e pesada que toldava seus olhos ao ponto de eu mal poder vê-los.

Aquele com o brilho esverdeado intenso que recebeu uma quantidade surpreendente de assobios enquanto ia para o palco.

Apesar disso, quanto mais eu o estudava, mais convencida ficava de que aquele seu pequeno fã-clubê era mais irônico que real. E quando vi seus sapatos de idiota e o terno escuro esquisito com camisa branca e gravata preta fininha, que o faziam parecer estar a caminho da convenção dos nerds ou de uma entrevista de emprego na CIA, tive certeza.

E enquanto ele ficava ali parado, na minha frente, eu só conseguia pensar:

Que ótimo! Meu primeiro dia no ensino médio e sou deixada com o Sr. Bobão.
E um bobão morto, para piorar.

Praticamente a concretização de meu pior pesadelo.

Esqueci temporariamente o fato de que pensamentos são energias, que podem ser ouvidos por todos Aqui, até que ele se virou para mim e disse:

— *Bobão?* — Ele recuou de um modo que fez seus olhos saltarem tanto que praticamente ficaram grudados nas lentes dos óculos e ficou boquiaberto como se nunca tivesse sido chamado assim antes, o que, lamento dizer, acho difícil de acreditar. — *Você me chamou mesmo de bobão?* — repetiu claramente ofendido.

Fiquei ali parada, com os lábios retorcidos para o lado, erguendo os ombros em constrangimento, ciente de que não haveria modo de voltar atrás. Pelo menos nenhum modo elegante. Decidi apenas continuar e dizer:

— *Bem*, talvez se livrando do terno e da gravata e tirando um pouco da gordura do cabelo... você não parecesse tão... *Eh...* — Fiz uma pausa, relutante em usar a palavra ofensiva mais uma vez, mesmo sabendo o que era a única que serviria.

— *Abobalhado? Meio bobo?* O único habitante da *bobolândia*?

Ele olhou para mim com as sobrancelhas unidas, expressão séria, e certamente sem brilhar como antes.

— Foi isso que quis dizer?

Dei de ombros, sem saber como continuar, mas olhei diretamente para ele e respondi:

— Ouça, sou novata, e isso tudo ainda é um pouco confuso. Aparentemente tenho alguns maus hábitos que ficaram do plano terreno, e ainda não aprendi a proteger meus pensamentos, nem mesmo sei se isso é possível. A questão é que não tenho ideia de onde eu deveria estar. Só sei que deveria estar em algum lugar. Então, se não se importa, eu vou...

Comecei a andar, tentando passar por ele, mas ele simplesmente apareceu diante de mim de novo, com sua bobice de quatro-olhos e cabelo ensebado. Braços cruzados, cabeça inclinada para o lado, observando-me enquanto disse:

— Por acaso, sei exatamente onde deveria estar. Deveria estar me seguindo. Revirei os olhos, duvidando sinceramente daquilo. Além do mais, de jeito nenhum eu seguiria ele. Ele era muito esquisito, muito bobão, e obviamente estava ofendido por eu tê-lo chamado assim. Parada, vi-o andar na direção do enorme pavilhão todo feito de vidro. Ele subiu a escadaria íngreme com apenas alguns passos, simplesmente presumindo que eu o seguiria, o que, no final, sem opção melhor, envergonho-me de admitir, foi exatamente o que fiz.

— *Ei... hmmm...* — Estreitei os olhos atrás dele, sem ideia de como chamá-lo, mas certa de que bobão estava proibido daquele ponto e em diante. — *Que lugar é este?* — perguntei, temendo o constrangimento de chegar atrasada no primeiro dia de aula e ser instantaneamente rotulada como a garota nova sem noção pelo restante do ano. — *É sério, para onde está me levando?* — gritei, olhando para suas costas, que seguiam em retirada, reparando como era alto para sua idade, que imaginei ser algo em torno dos catorze anos, embora se vestisse como um pai.

Segui ele até uma esquina e quase nos trombamos quando ele parou diante de uma grande porta de vidro fumê, abriu-a até o final e disse:

— Estão todos aí dentro. Esperando por você.

Alternei o olhar entre ele e a porta, vendo-o fazer um gesto positivo com a cabeça para me encorajar, quando enfiei a cabeça e olhei para uma grande sala vazia, onde ninguém esperava por mim, nem por nenhuma outra pessoa. Meus olhos se adaptavam à iluminação à medida que eu olhava para um palco comprido e elevado, parcialmente escondido por cortinas pesadas de veludo vermelhas, e para as fileiras de cadeiras macias e confortáveis que ficavam de frente para ele. Mesmo que a sala parecesse perfeitamente agradável e nem um pouco ameaçadora, não pude deixar de notar a terrível sensação que me tomava, insistindo para que eu saísse logo de lá, antes que fosse tarde demais.

Quando me virei para perguntar se aquilo era algum tipo de trote ou de pegadinha com a nova aluna, ele encostou a mão no meio das minhas costas e me empurrou para dentro, dizendo:

— Boa sorte... você vai precisar! — E a porta se fechou atrás de mim.



Drocorei a maçaneta, ansiosa para dar o fora dali e então encontrá-lo e brigar com ele duramente. Estava quase conseguindo quando alguém gritou atrás de mim e eu me virei fazendo cara feia, o receio se prolongando um momento, apenas para me ver diante do que presumi ser uma anja.

Uma anja incrivelmente linda e cintilante.

A primeira que vi desde que cheguei Aqui.

— Riley? — Ela olhou para mim com olhos tão benevolentes que imediatamente relaxei a expressão. — Você é Riley Bloom, certo?

Confirmei com a cabeça. Era tudo o que podia fazer. Estava tão impressionada, tão surpresa com sua aparência, em como seus cabelos longos e encaracolados brilhavam e resplandeciam, transformando-se de louros em castanhos, e em pretos e em ruivos e depois repetindo a sequência, enquanto o mesmo acontecia com a pele, que ia do branco mais pálido ao ébano mais escuro e todos os tons intermediários. E seu vestido, seu lindo vestido azul, cintilante, esvoaçante, brilhando de um modo que parecia ser tecido com montes de poeira estelar e muitos metros de renda. Só lhe faltavam às asas, ou, se as tinha, não eram visíveis para mim.

Ela sorriu, acenando para que eu chegasse mais perto, e eu a segui de imediato, sem pensar duas vezes. A verdade é que ela era tão hipnotizante, tão estonteante, que não fui capaz de recusar. Irradiava uma luz tão brilhante, tão vibrante, tão profunda, tão... *arroxeada*, que fazia a líder de torcida e o bobão parecerem lâmpadas queimadas. E, embora tivesse certeza de nunca tê-la encontrado, parecia-me estranhamente familiar. Assim que sorriu, analisando-me com os olhos benevolentes, eu soube o motivo. Era como se todas as princesas de contos de fadas ganhassem vida.

— Nós estamos tão felizes em vê-la — disse, com as mãos espalmadas diante de si.

Nós?

Pisquei uma, duas vezes, surpresa em ver que os assentos que estavam vazios havia um instante agora eram ocupados por um pequeno grupo de pessoas vestindo mantos. Mesmo que também brilhassem, nenhum deles chegava perto de brilhar como a bela anja diante de mim.

— Sou Aurora — disse ela. Para ser sincera, não fiquei nem um pouco surpresa. Se alguém pudesse ter esse nome, certamente seria ela. — E esse é Claude. — Ela apontou para um cara com cabelos escuros e um rabo de cavalo longo que combinava

com a barba comprida e despenteada, que ia quase até a cintura. — E Royce. — Ela acenou com a cabeça para o cara ao lado de Claude, que tinha cabelos castanhos ondulados, pele escura e olhos verdes brilhantes. Era bonito o bastante para ser um grande astro do cinema no plano terreno. Samson era o cara sentado à sua direita, e, sinceramente, ele parecia tão velho que quase parecia jovem novamente, como se tivesse completado um ciclo ou algo assim, mesmo sabendo que isso não faz o menor sentido. E ao lado de Samson estava Celia, tão pequenina que quase parecia uma pessoa em miniatura, e o manto bege de seda que usava estava coberto com lindos bordados de botões de flores e ramos longos e finos.

Apesar de todos terem parecido gentis, acolhedores e nada ameaçadores, apesar de brilharem em tons variados que iam do azul-celeste de Celia até o violeta vibrante de Aurora, ainda não conseguia me livrar da sensação cada vez mais desconfortável que havia dentro de mim, nem defini-la. Muito menos podia pensar em um bom motivo para senti-la. Tudo o que eu sabia, ali parada diante deles, é que algo aconteceria.

Algo grandioso.

E mesmo que agora, olhando para trás, tudo pareça bastante óbvio, na época eu não tinha a menor ideia de onde estava me metendo. De tudo o que tinha visto até aquele ponto, nunca havia me ocorrido que aquele tipo de coisa pudesse realmente ser verdade.

— Somos membros do Conselho — disse Aurora, como se aquilo fizesse algum sentido, sorrindo enquanto se sentava entre os outros. — Sabe o que é isso?

Fiz que não com a cabeça e mordi os lábios, incapaz de falar, incapaz até de pensar. Praticamente incapaz de fazer algo além de ficar boquiaberta. Meus olhos percorreram a sala outra vez, o estômago praticamente tinha espasmos, quando de repente me dei conta da utilidade do palco.

Por que estava vazio.

Do que aquilo *realmente* tratava.

— Não se preocupe — disse o bonitão, que eu achava que se chamava Royce, mas estava muito assustada para perguntar.

— Não há nada com que se preocupar. Você está segura. Nenhum de nós morde — disse Samson, que por algum motivo estranho despertou o riso em todos os presentes.

Bem, todos menos eu.

Eu não achava graça alguma. Na verdade, estava muito ocupada procurando uma saída. Completamente tomada por essa aflição terrível, agora que tinha uma boa ideia do que aconteceria no futuro imediato.

Ainda assim, o aperto dentro de mim não se comparava à crescente onda de irritação. À sensação esmagadora de que eu estava caindo em uma pegadinha.

Sendo feita de idiota.

Caindo em uma armação injusta.

Lembrei-me que um pouco mais cedo meus pais haviam me dado um abraço de despedida e dito “Tenha um bom dia!”, como se tudo estivesse perfeitamente normal.

Como se eu não estivesse prestes a ser confrontada, a cair em uma emboscada como essa.

Sem aviso. Sem qualquer tipo de alerta. Apenas jogada na cova dos leões, sem munição, sem defesa, sem dicas de como sobreviver.

Alternei o olhar entre eles, suspirei e balancei a cabeça.

Era isso.

O dia do julgamento.

Era eu contra eles, e não havia nada que pudesse fazer a respeito. Não fiquei nem um pouco surpresa quando de repente me vi parada no centro do palco, mesmo sem ter chegado ali por vontade própria.

Observei, completamente horrorizada, enquanto todos se inclinavam para a frente em seus assentos, ansiosos pelo início do show, enquanto as cortinas se abriam atrás de mim.



Claude, o cara de barba, levantou-se, foi até uma estante de livros gigantesca que cobria a parede lateral e que de algum modo não notei, devido ao nervosismo, e retirou dali um livro pequeno e fino, que folheou casualmente. Fazendo sons com a boca, finalmente fechou o livro, colocou-o de volta na prateleira e voltou a seu lugar.

— *Bem*, parece que alguém aqui teve uma vida bastante interessante — disse, ajeitando o manto sobre as pernas cruzadas enquanto olhava para mim. — Por que não nos conta um pouco sobre ela?

Fiquei boquiaberta. Boquiaberta, de olhos arregalados e de queixo caído. Fiz cara de *está maluco*? Certa de que ele estava brincando, mesmo que o brilho em seu olhar me dissesse o contrário.

Eles estavam esperando. Todos eles esperavam pacientemente. Ávidos para ouvir a curtíssima história de meus doze anos de vida que *acabaram-antes-mesmo-que-eu-me-desse-conta*.

E a verdade é que quanto mais tempo permaneciam ali sentados, esperando que eu começasse, mais irritada eu ficava, até que a raiva ferveu tanto dentro de mim que transbordou, e eu disse:

— Vocês estão *brincando*? — Parei, esperando que alguém confessasse a brincadeira, mas ninguém disse nada, então balancei a cabeça e continuei: — Como a história pode *ser interessante* se eu nem cheguei aos *treze* anos? — Apertei os lábios para impedir que tremessem de modo visível e constrangedor. Cruzei os braços diante de um peito que, agora, devido ao fato de eu estar Aqui, teimaria em parecer uma tábua por... bem... por toda a eternidade, pelo que eu sabia. E quando meus olhos começaram a arder, e a garganta ficou quente e apertada, tudo pareceu ainda pior. Porque o único desejo que sempre tive foi ser adolescente. E aquelas pessoas haviam tirado isso de mim.

— Então, é correto dizer que se sente... *enganada*? — perguntou Royce, com a cabeça inclinada para o lado e os olhos semicerrados, analisando-me como se fosse um cientista, e eu, sua cobaia mais interessante.

— Foi por isso que ficou tanto tempo no plano terreno? — perguntou Celia de modo educado e discreto, embora nem por um instante eu tenha me iludido. Não com o modo como ela me olhava de cima a baixo, sem deixar passar nada.

E tê-los me encarando daquele jeito apenas piorava a situação.

Fazia com que me sentisse um tipo de espetáculo barato.

Algum tipo de aberração.

Mesmo com o esforço para parecerem calmos, atenciosos e amigáveis, mesmo tendo todo o tempo do mundo para que eu me orientasse e fizesse a grande revelação de como passei os doze anos de minha vida ridiculamente curta, não fui feita de boba por nem um segundo.

Aquelas pessoas sabiam tudo. Estava tudo no livro. Apenas queriam ouvir de mim. Queriam que eu admitisse.

Um teste da pós-vida.

Era isso.

Não me restavam dúvidas.

— É verdade que sabemos tudo — confessou Aurora, confirmando o que eu já desconfiava. — Mas você não tem com que se preocupar. Não há julgamento aqui. Apenas queremos lhe dar a chance de se explicar. Só isso. De nos dizer o que a motivou a fazer as escolhas que fez. Estamos interessados em suas informações, em ouvir seu lado da história, para decidirmos melhor onde *alocá-la*.

Estreitei os olhos, alternando o olhar entre eles, todos eles, mas eram muito bons naquilo, muito experientes, e eu não consegui obter a menor pista sobre o que ela queria dizer.

— *Cada pessoa tem um lugar* — disse Celia, arrumando as mangas do vestido com as mãozinhas. — Nossa tarefa é encontrar o seu — acrescentou, como se aquilo tivesse significado, como se fizesse todo sentido para uma novata como eu.

Balancei a cabeça, sentindo-me completamente irritada, chateada e, bem, irritada já diz tudo, e disse:

— Ouçam, não estou muito a fim de fazer isso, então será que poderíamos, hmmm, conversar outra hora ou algo assim? Como já sabem tudo o que há para saber, não entendo o propósito disto tudo. E, para falar a verdade, estou me sentindo um pouco desconfortável em ter que ficar aqui neste palco. Mas tudo bem, se insistem em saber, acho que os dois principais itens de minha pequena lista de pecados devem ser: Um, algumas vezes, em certas ocasiões, eu costumava monopolizar o microfone quando jogava Rock Band no Wii com meus amigos... — Paro, ouvindo na cabeça minha própria voz dizendo: *É sério? Você vai mesmo mentir sobre isso? Justamente Aqui?* E limpei a garganta e acrescentei: — *Hmmm*, certo, talvez eu tenha monopolizado mais que algumas vezes, mas só porque estava praticando para ir para participar do Ídolo Americano, que vocês provavelmente não conhecem, mas é um programa bem popular nos...

Balancei a cabeça, sabendo que precisava seguir em frente se quisesse sair logo dali.

— *Bem*, não importa. O que mais? Certo, acho que o número dois seria aquela vez, no quarto ano, quando tivemos aula com aquela professora substituta e alguém, eh, quer dizer, eu troquei o diagrama de lugares dos alunos e todas as meninas ficaram com nomes de meninos, e todos os meninos com nomes de meninas... Mas gostaria de deixar claro que há circunstâncias atenuantes nesse caso também. Para começar, a ideia não foi só minha. Na verdade, nem foi ideia minha. Mas, de qualquer modo, só concordei em seguir o plano porque Felicia Hawkins me desafiou. E caso

não a conheçam, devo dizer que ela é bem má. É sério. Ela era uma das mais cruéis, asquerosas e esnobes da escola, e, por sinal, isso inclui também o quinto e o sexto anos. Então, com isso em mente, acho que é justo dizer que eu não tive escolha, a não ser provar que não tinha medo algum dela, da substituta, nem de ninguém. E ela não ficaria pegando no meu pé pelo restante do ano, ou até por mais tempo. Assim, se alguém deve ser punido Aqui, é Felicia Hawkins, não eu. Mas não, ela ainda está viva, respirando, e da última vez que a vi ela ainda aterrorizava os colegas, sem sofrer consequência alguma, enquanto eu fico presa Aqui, parada em um palco idiota, em uma sala idiota, defendendo alguns atos idiotas. É sério, isso não é injusto?

Fiquei olhando para eles, ruborizada, e embora a pergunta não tenha sido retórica, como pode ter parecido, ninguém respondeu. Eles apenas se inclinaram para frente em uníssono, como se tivessem ensaiado ou algo do tipo, ignorando por completo minha explosão excessivamente emotiva — e que me deixou um tanto constrangida — enquanto se concentravam na tela logo atrás de mim. Uma tela que se acendeu de repente, mostrando um fluxo de imagens de...

Bem...

De mim.

Eu, em casa em Eugene, no Oregon, com menos de um ano de idade, engatinhando atrás de minha irmã, Ever, apenas quatro anos mais velha e que, pelo visto, já lastimava a perda de sua privacidade.

Eu, alguns anos depois, pedalando com força minha nova bicicleta roxa, ainda com rodinhas, fazendo o possível para alcançar Ever e sua bicicleta verde-limão, muito mais rápida que a minha.

Eu, depois de mais alguns anos, fuçando as roupas de Ever e as usando para ir à escola sem que ela soubesse — mesmo que não fossem exatamente de meu tamanho e eu precisasse dobrar as barras e as mangas.

Eu, no ano passado, bem antes do acidente, espiando ela com o antigo namorado, Brandon, sentindo uma mistura de fascinação e de repulsa quando se beijavam no sofá da saleta, enquanto nossos pais estavam fora “namorando” e ela deveria tomar conta de mim.

Sinceramente, não tenho ideia do que o Conselho estava pensando, mas eu me senti humilhada. Não conseguia desviar os olhos da projeção de horrores que se desenrolava diante de mim e me encolhia de constrangimento enquanto observava um padrão inequívoco de comportamento que eu nunca havia notado.

Um padrão de comportamento que jurei várias vezes que não existia.

Já havia conseguido me convencer de que era Ever que não parava de me perturbar, que praticamente vivia para me atormentar e não me deixava em paz, não importava o quanto eu reclamasse.

Mas, naquele momento, vendo a verdade nua e crua e bem-documentada passar diante de mim... Bem, não havia como negar o fato de que eu passara a maior parte de minha vida ridiculamente curta perseguindo-a, espionando-a, copiando-a e importunando-a além dos limites aceitáveis.

Mais de uma década gasta em uma longa e triste tentativa de ser como ela.

Meu estômago revirou quando novas imagens encheram a tela, cada uma delas tão humilhante quanto a anterior, fazendo-me enrolar os braços em volta do corpo, querendo diminuir, desaparecer, estar em qualquer outro lugar que não fosse ali, aquela sala, sobre aquele palco. Senti náuseas e suei frio, como da vez em que fiquei enjoada no lago.

Minha vida toda fora uma mentira.

Nem um pouco parecida com o que eu pensava.

E não havia mais como fugir disso.

Claro que existiram outros momentos mesclados, em que Ever estava fora com os amigos enquanto eu ficava com os meus. Mas, a maior parte do tempo, bem, era completamente desequilibrada, e não havia como contornar.

Na condição de irmã mais nova, eu era um caso clássico e corriqueiro de pedra no sapato.

— Essas imagens são... editadas... ou talvez até, *hmmm*, sabe, modificadas no Photoshop ou algo assim? — perguntei com a voz alta e esganiçada, o que minha mãe costumava chamar *de voz de mentirosa*. Aquela que eu usava quando o último biscoito desaparecia e eu era a suspeita, ou quando a casa estava uma bagunça e eu era a única pessoa lá dentro. E não pense que os membros do Conselho não notaram.

Abaixei a cabeça e me afastei da tela, ciente de que não havia nada mais a fazer. Nada mais a dizer. Estava tudo acabado, e eu só podia me sentar e esperar para saber o que aconteceria comigo.



Ainda não havia acabado. Parecia que sim.
Eu queria que sim.
Mas *nããã*. Não estava nem perto de acabar.

Enquanto eu esperava o veredicto, chegou até mim esse som estridente e cheio de estática vindo das quatro paredes, e mesmo sem querer olhar, não pude evitar e olhei. Espiei por sobre o ombro e vi como as imagens mudavam de repente, ficando turvas e indistintas enquanto a luz mudava para um brilho amarelado que reconheci imediatamente. Meu estômago ficou apertado, e eu soube naquele instante que não importava o quanto tivesse parecido ruim antes, a situação acabara de mudar para pior.

Eles me pegaram em Summerland também.

Aquela dimensão mística entre o plano terreno e este, onde fiquei por... bem, digamos apenas que fiquei muito mais tempo que deveria.

Então assisti.

Assisti ao que eles assistiam.

Eu, logo após morrer, mas ainda em minha velha forma, como se a partida precoce não tivesse feito a mínima diferença. Não tivesse me impedido de nada.

Nada tivesse mudado.

Para dizer a verdade, estar morta só me tornou ainda pior, pois me deu o tipo de acesso com que nunca sonhara.

Era como ter um passe para os bastidores não apenas da vida de minha irmã, mas de todas as outras pessoas. Ser capaz de espiar antigos vizinhos e amigos, ex-colegas de classe, os professores preferidos e os não tão preferidos, e até mesmo algumas celebridades — maximizando minha invisibilidade para tudo o que valesse a pena. E assim como antes, como o período em que eu estava viva, passei um bom tempo espionando minha irmã, sem saber que também estava sendo espionada.

Toda a minha existência, o nascimento, a morte e o além-morte haviam sido documentados e analisados, e agora eu deveria achar um modo de explicar (ou mesmo de justificar) o que certamente totalizou um montão de tempo perdido.

Mas a verdade é que eu não tinha ideia do que dizer em minha defesa.

Eu era a pessoa mais surpresa naquela sala.

E quando chegamos à parte em que entrei sorrateiramente no Observatório a caminho da escola... afundei-me no palco frio e duro, sem me importar em

materializar uma cadeira confortável para me sentar. Esperei ansiosamente que aquele show terrível enfim terminasse e eles pudessem determinar meu *lugar*.

Todos na sala ficaram em silêncio, e soube que dependia de mim dar o primeiro passo.

— Acho que a filmagem diz tudo, não é? — Tentei sorrir, mas me pareceu negligente e errado. Então tentei fazer minha cara triste, com olhos arregalados; aquela que sempre funcionava com meu pai... mas, mesmo assim, nada. Apenas permaneceram ali, sentados, tão quietos e imóveis que ficou claro que eu teria que me esforçar mais do que aquilo.

Não me livraria com tanta facilidade.

Limpei a garganta e olhei fixamente para meus sapatos, dizendo: — Certo, talvez eu tenha sido bem pentelha. — Dei de ombros, tentando manter um tom casual e relaxado. — Mas acontece que da última vez que verifiquei, isso não estava listado entre os pecados, certo? — Olhei para frente, desesperada por confirmação, compreensão, algo, e encontrei em Aurora. A única pessoa com quem podia contar, aquela em quem escolhi focar. — Quer dizer... talvez, se vocês tivessem me dado mais alguns anos, eu pudesse ter mudado. Talvez eu tivesse feito algo grandioso, algo realmente estupendo, que pudesse mudar o mundo, sabe? Mas agora... bem, agora nunca saberemos do que eu seria capaz, já que, vocês sabem, me chamaram tão cedo. — Suspirei, em parte pelo efeito dramático, e em parte porque, aquilo tudo era um pouco exaustivo. E quando a reação continuou sendo olhares e silêncio, eu disse: — Certo. Tudo bem. Querem saber a verdade? Eu me sinto roubada! É sério. Morta aos doze anos? É tão injusto! E por que sou eu que preciso explicar meus atos? Eu era apenas uma criança... Era de se esperar que fosse imatura! Mas vocês... Bem, talvez um de vocês devesse me explicar algumas coisas. Talvez eu que mereça algumas respostas Aqui, não é? Alguém já parou para pensar nisso? — Parei, ofegante e agitada, e nem precisava de um espelho para saber que meu rosto estava vermelho como uma beterraba.

Voltei a olhar para meus sapatos, balançando a cabeça e jurando ficar em silêncio daquele ponto em diante. Jurei que não importava o que acontecesse em seguida, eu não diria uma palavra... Não tentaria justificar nada do que fiz. A vida como eu a conhecia havia acabado e não tinha mais volta. Não era permitido se arrepender. O que significava que nada daquilo tinha um propósito. Era traiçoeiro, cruel e completamente injusto. De modo algum eu daria mais munição do que eles já tinham para usarem contra mim.

Continuei ali sentada, firmemente comprometida a manter silêncio e esperar o quanto fosse necessário, quando Aurora por fim olhou para mim e disse:

— Sei que pode não compreender ainda, mas com o tempo entenderá. Tudo isso faz sentido, eu garanto. Mas, por enquanto, saiba que tudo está funcionando do jeito que deveria. Não há punição, julgamento duro e nenhum tipo de acidente. Tudo está como deveria. Só estamos tentando entender as coisas a partir de seu ponto de vista, para analisar sua vida com compaixão, não com discriminação. Todos sabemos como é difícil para cada um encontrar seu caminho no plano terreno... Há tantas distrações, tantos caminhos a seguir. Não condenamos nenhum de seus atos, Riley, portanto não

há motivo para ficar apreensiva ou zangada. Estamos apenas tentando entendê-la melhor. Só isso.

Olho em seus olhos, e sim, ela era gentil e boa, e tão brilhante e angelical, mas eu precisava de algo mais. Recusava-me a ser dispensada com tanta facilidade.

— Então é meu destino estar *morta*? — perguntei, quebrando imediatamente meu voto de silêncio e imaginando se minha tendência para a tagarelice, como minha mãe costumava chamar, me meteria em tantas confusões Aqui quanto acontecia lá.

Mas Aurora apenas sorriu enquanto o restante do grupo aproveitou para dar risadinhas, o que, verdade seja dita, não fez com que eu me sentisse nem um pouco melhor, já que não estava tentando ser engraçada.

— Tudo fará sentido no devido tempo — afirmou Claude com a barba longa e desordenada, os pés descalços apoiados no assento da frente enquanto continuava: — Mas, por enquanto, tem algo a dizer a seu favor? Algum comentário sobre o que acabou de ver na tela?

Deixei os ombros *caírem*. Deixei-me cair *por inteiro*. Estava farta de palavras e minhas desculpas haviam terminado. Só queria que aquilo acabasse. Queria saber qual era meu *lugar* e seguir em frente.

Eles olharam um para o outro, comunicando-se de um modo que me bloqueava por completo, e finalmente chegaram a um tipo de acordo mútuo quando acenaram com a cabeça para Celia, que se virou para mim e disse:

— Com base em seu histórico e em sua forte ligação com o plano terreno, treinará para ser uma Apanhadora. Alguma pergunta?

Treinarei para ser uma... o quê? A pergunta foi logo seguida por um zilhão de outras parecidas.

— Uma Apanhadora de *Almas* — disse Samson, tirando os longos cabelos brancos do rosto e fixando os olhos violeta nos meus, e acrescentou: — Alguém que apanha almas. — Como se aquilo fizesse mais sentido.

Eu estava prestes a perguntar o óbvio quando Aurora interrompeu com a voz calma e suave, fazendo cada palavra soar como a letra mais perfeita para uma bela música, e disse:

— Riley, sua situação não é tão singular quanto pensa. Há muitas almas que resistem ao chamado de vir até Aqui. Muitas delas ainda estão vagando pelo plano terreno, sem intenção de cruzar a ponte e seguir adiante. Alguns resistem durante séculos, ignorando qualquer tentativa de serem atraídos até Aqui, enquanto outros ficam apenas por pouco tempo. Embora cada alma tenha livre-arbítrio, de vez enquanto achamos que algumas precisam de um... *empurrãozinho* extra, digamos assim. Um pequeno lembrete de que têm opções, opções melhores do que aquelas que escolheram. E é aí que você entra.

Alternei o olhar entre eles, e, mesmo cheia de dúvidas, eram tantas as perguntas que eu não tinha ideia de como começar. Só sabia que eu voltaria. Voltaria ao plano terreno.

Ao glorioso plano terreno!

E, se dependesse de mim, partiria o mais rápido possível.

— Não temos dúvidas de que cuidadosamente orientada e com treinamento apropriado, você será uma Apanhadora de Almas muito bem-sucedida — disse Royce, dando um sorriso feito para holofotes, telas de cinema e capas de revista, enquanto os outros acenavam com a cabeça em conformidade.

— E então? Quando parto? — Levantei-me, enchendo-me de repente com uma abundância de energia que não existia havia alguns instantes. — Quando ganho minha antiga vida de volta? — perguntei, imaginando-me de mudança para meu antigo bairro e me matriculando na antiga escola, sem saber muito bem como funcionaria toda a logística. Como eles consertariam o fato de um dia eu estar morta e, bem, desmorta no outro. Mas logo em seguida descartei o pensamento, imaginando que isso era problema deles, não meu. Eu estava cumprindo uma missão.

Uma missão *muito* empolgante.

Mas minha empolgação mal pôde se consolidar quando Aurora olhou para mim, com os cabelos castanhos, ruivos, pretos, brancos e louros serpenteando ao seu redor em um turbilhão de ondas, dizendo:

— Você retornará apenas em forma de espírito. Invisível a todos, menos a seus semelhantes e aos poucos que têm o dom de nos sentir.

Minhas pálpebras ficaram pesadas, os ombros afundaram, e eu suspirei. Vazia, desapontada, desiludida: nenhuma dessas palavras consegue descrever como me senti. E ainda assim eu voltaria.

Isso não mudaria. Se o Conselho julgou conveniente me enviar, *bem*, quem sou eu para me opor, independentemente de minha forma?

Pelo que vi até agora dessa escola, com o grupo, a cantoria e o brilho, e mais todas as outras coisas estranhas, imaginei que não fosse sentir falta.

— Quando parto? — perguntei, ficando instantaneamente constrangida ao me dar conta de que não havia parado para pensar no que diria a meus pais e meus avós, até que as palavras já tivessem escapado.

— Não há motivos para adiar — disse Celia, verificando com os outros, que concordaram.

— Quanto antes, melhor — comentou Samson.

— Agora seria ótimo — concordou Royce.

Embora estivesse empolgada, ainda precisava perguntar:

— Mas e minha família? O que direi a eles?

Virei-me quando Claude apontou na direção da tela, que agora estava dividida ao meio. Um lado mostrava meu pai — tocando de improviso com outros músicos — enquanto o outro exibia minha mãe — pintando em um estúdio bem-iluminado, com o avental respingado de quase todas as cores do arco-íris enquanto um sorriso iluminava seu rosto. Mesmo sem ter ideia do que aquilo significava, meu estômago começou a apertar e a revirar novamente.

Apertei os lábios, tentando entender o que estava vendo. Imaginei por que não estavam onde haviam dito que estariam, por que escolheram mentir e agir de modo diferente do que haviam me dito. Mas depois, antes que pudesse piscar, a tela se dividiu novamente e vi cada par de avós ocupado em atividades bastante surpreendentes, especialmente se a idade for levada em conta. Desfrutando de coisas

como: surfe, caminhada, criação de gado, composição musical para orquestra, assim como a supervisão de um berçário repleto de recém-nascidos.

— Eles já foram *alocados* — disse Aurora. — Estão realizando o trabalho da alma no momento. Não há motivo para se preocupar com eles.

Trabalho da alma? Pisquei. Tudo estava ficando mais estranho a cada segundo. A princípio, eu estava preocupada que eles se preocupassem comigo. Mas, pelo que podia ver, ficaria surpresa se percebessem que fui embora.

— Sua família já entende o que só agora está se tornando claro para você. Às vezes, no plano terreno, a vida real fica no caminho do que realmente deveríamos ser, mas Aqui a pessoa pode fazer aquilo com que sempre sonhou, pode cumprir seu destino. — Ela sorriu.

E mesmo que ela claramente achasse que aquilo fosse uma Coisa Realmente Grandiosa, e claramente esperasse que eu concordasse com ela, não concordei.

Não podia.

Saber tudo aquilo apenas fazia com que me sentisse cada vez mais sozinha, completamente desnecessária e um tanto quanto indesejada.

— Então... está dizendo que em casa, no plano terreno, eu, e Ever, e Buttercup... ficamos no caminho? — disse, logo envergonhada pelo modo como minha voz ficou rouca de repente, mas ainda assim o simples pensamento fez meu estômago ficar estranho de novo.

Mas Aurora apenas sorriu, assim como todos os outros, apontando com a cabeça para Celia, que disse: — É claro que não.

— Seus pais e avós a amam e não mudariam nada! — Samson assentiu com a cabeça.

— Mas Aqui você tem seu próprio guia, o que liberta sua família para viver o próprio destino. Não termina tudo em morte, sabe... Temos tarefas, coisas para realizar e para aprender. Seus pais encontraram o *lugar* deles, e agora você encontrou o seu. Como tudo deve ser — disse Royce, pressionando uma mão na outra e curvando-se em minha direção.

— Mas... e minha *casa*? E... meu cachorro... — Balanço a cabeça, incapaz de terminar, incapaz de entender como chegamos àquele ponto. Estava tão empolgada, certa de que havia ganhado na loteria da vida após a morte por poder voltar, apenas para ter tudo arrancado de mim à medida que aquilo que me era familiar também ia embora.

— Está livre para voltar e visitá-los entre uma tarefa e outra — disse Aurora, brilhando de um modo lindo e hipnotizante. — E Buttercup — ela sorriu — pode viajar com você.

— É sério? — Inclinei a cabeça de lado, imaginado como Buttercup se sentiria a respeito. — Ele também tem um destino a cumprir? — perguntei.

E logo ouvi o som da profunda e cordial risada de Royce quando ele balançou a cabeça e disse:

— Cães são um presente para o ser humano. São felizes, alegres e leais por natureza. São pura energia positiva e um exemplo a ser seguido. Isso é tudo o que se espera deles.

Concordei com a cabeça, fazendo o possível para absorver tudo. Podia não ter sido o que eu imaginara, nem mesmo o que eu esperara, mas, ainda assim, poderia ter sido muito pior.

Meus pensamentos foram interrompidos por Aurora, que disse:

— Riley, que tal deixarmos seu passado para trás e olharmos para o futuro. O que acha? Está pronta para dar esse salto? — Antes que eu pudesse responder, antes que pudesse fazer qualquer coisa, Buttercup saiu correndo detrás da cortina vermelha de veludo, balançando o rabo como louco, lambendo meu rosto e me derrubando do jeito que sempre me fazia rir. E quando finalmente consegui fazer com que se acalmasse, todos haviam desaparecido.

Nem esperaram minha resposta.

E foi quando me dei conta que a pergunta havia sido retórica.

Meu lugar havia sido determinado.

Quer eu tenha gostado, quer não.



Fsperei do lado de fora, com Buttercup ao meu lado, ambos bastante alertas, esperando algum tipo de sinal.
Ambos sem a menor ideia de aonde deveríamos ir, de que caminho escolher ou do que fazer a seguir.

E, embora possa parecer estranho, uma pessoa olhar para seu cachorro em busca de orientação, foi Buttercup quem conduziu minha família até a ponte. Foi ele quem atravessou primeiro. Então, com isso em mente, imaginei que ele pudesse ter algum tipo de habilidade canina singular, algum tipo de instinto de labrador amarelo. Como um radar exclusivo de cachorros para esse tipo de coisa.

Mas não, ele apenas ficou ali sentado, com os grandes olhos castanhos e o nariz rosado, piscando para mim enquanto eu olhava em volta, pensando em como seria bom receber alguma instrução, um pouco de *orientação*.

Mas nããã.

O Conselho simplesmente sumiu, desapareceu completamente.

Quem sabe para onde foram?

Tudo o que eu sabia é que nem eu nem Buttercup tínhamos a mínima ideia de como deveríamos ir de Aqui para Lá.

Eu deveria apenas *pedir*, apenas *desejar*, como todo o restante das coisas neste lugar? Ou havia algum tipo de transporte regular, como um ônibus, um trem, ou até mesmo algum tipo de asa que pudéssemos alugar? Eu tinha certeza de que a ponte que havia cruzado para chegar Aqui era de mão única. E sei disso porque por acaso olhei para trás assim que cheguei ao outro lado.

Não estava nem um pouco comprometida com a travessia como fingi estar.

Só que já era tarde demais.

Ela havia desaparecido completamente.

E nunca mais a vi.

Então, sem sinal que nos indicasse a direção, segui para o prédio mais próximo. Fiz sinal para Buttercup me seguir, imaginando que deveríamos tentar achar alguém que estivesse disposto a nos ajudar. Estávamos no meio do caminho quando ouvi:

— E então, como foi? Você chorou? Rastejou? Prometeu que faria melhor se tivesse outra chance?

Estreitei os olhos e pressionei os lábios, observando o bobão surgindo atrás de mim, à cabeça inclinada, mechas de cabelo ensebado caindo no rosto enquanto parava para limpar os óculos com a ponta da gravata. Odeio admitir, mas, por aquela

fração de segundo, ele pareceu realmente diferente, quase como alguém que poderia ser chamado bem... de *bonitinho*.

Mas, como eu disse, durou pouco. Terminou em um instante, e logo depois os óculos estavam no lugar, o cabelo ensebado para trás, e ele voltou a ser aquele bobão.

— Por que mesmo você usa isso? — Apontei para a armação grossa de nerd, ignorando de propósito sua pergunta. Não tinha intenção de confidenciar a ele algo sobre a análise de minha vida, nem sobre qualquer outro assunto. Na verdade, mal podia esperar para chegar ao plano terreno, onde nunca mais teria que vê-lo. Estava esperando ansiosamente por isso. — Não pode simplesmente *desejar* ter uma visão melhor? Ou talvez tentar materializar um par de óculos mais legal? — Olhei para ele, esperando uma resposta, mas ele nada disse, e continuei: — É sério. Você poderia usar armações muito mais legais. A moda avançou muito nas últimas... *décadas*. Você ficaria surpreso! — Confirmei com a cabeça, certificando-me de que estava indo mais para o lado da ajuda do que da crítica. Apenas afirmando os fatos do modo como eu os enxergava. — Quer dizer... É bastante óbvio que você não tem chegado perto do plano terreno desde... — Franzi a testa e estreitei os olhos; ele estava tão fora de moda que eu não conseguia nem imaginar a época em que viveu.

— O que aconteceu com você, afinal? — perguntei. — Como veio parar aqui? Brigou com um lápis número dois recém-apontado? Enforcou-se acidentalmente com a gravata? Ou quem sabe não *morreu* literalmente de vergonha por usar roupas como essas? — Balancei a cabeça e ri, não pude evitar. Às vezes eu racho de tanto rir. Mesmo que ele não tenha se juntado a mim, isso não me impediu de dizer: — Sabe que pode materializar um novo guarda-roupa, certo? Não somos atados aos erros do passado. Então, vamos, anime-se. Feche os olhos e pergunte: *O que Joe Jonas usaria?*

No entanto, apesar dessa última parte ter me deixado muito animada, meu riso logo foi interrompido pelo som de sua voz dizendo:

— Se quer mesmo saber, foi câncer. O grande e malvado C me matou. Osteossarcoma, ou câncer nos ossos, como é conhecido pela maioria. Até removeram minha perna em uma tentativa de me salvar, mas era tarde demais, já havia se espalhado por todo o corpo.

Engoli em seco e olhei fixamente em seus olhos, sabendo que deveria dizer algo, o que quer que fosse, mas as palavras não vinham. Disse a mim mesma que ele era apenas um entre vários. Que aquele lugar estava cheio de histórias tristes como a dele. Toda história trágica acabava Aqui. Mas isso não fez eu me sentir nem um pouco melhor. Não tinha o direito de zombar dele como fizera.

— Eu estava quase me tornando um profissional também. — Ele deu de ombros. — Foi em 1999. Perdi a virada do milênio, a época não poderia ser pior. — Ele olhou para mim e balançou a cabeça. Seu olhar era tão pragmático, sem qualquer traço de hostilidade ou de arrependimento. — Mas é assim que as coisas são às vezes, não é?

Concordei de leve com a cabeça, pois não sabia como reagir de outra forma. E mesmo que eu estivesse curiosa para saber de que tipo de profissional ele havia falado, não me sentia à vontade para perguntar.

Apenas fiquei ali, parada, observando quando ele se virou, olhou para Buttercup sentado pacientemente a meu lado, e disse:

— É sério? Você vai levar o cachorro?

Revirei os olhos. Meu humor passou do constrangimento à irritação em uma fração de segundo, e olhei em volta imaginando onde estariam os monitores do corredor. Em minha antiga escola, ninguém nunca escapava ileso desse tipo de importunação, desse tipo de intimidação encoberta, nem de matar aulas. Mas Aqui era como se valesse tudo. Como se todos estivéssemos sob um tipo de sistema de confiança ou algo assim.

Fazendo um sinal para que Buttercup me seguisse, virei-me e disse:

— Para sua informação, o *cachorro* tem nome: é *Buttercup*. — Encarei-o, lançando meu melhor olhar fatal por cima do ombro. — Quanto ao restante, não é da sua conta, certo?

Acelerei o passo, ansiosa para me distanciar dele, mas não fez diferença. Não importava a velocidade em que andava, ele estava bem ali ao meu lado, olhando para mim ao dizer:

— *Bem*, posso imaginar o motivo de achar isso, mas está errada. É da minha conta. Todos os viajantes em potencial devem ser liberados por mim. Eu decido quem entra e quem não entra. Pense em mim como o leão de chácara dessa viagem em particular.

— Vestido assim é praticamente impossível ter alguma ideia diferente sobre você além de cara bobão — murmurei, aproveitando para revirar os olhos para Buttercup, completamente irritada com sua tendência de ser muito carinhoso com estranhos, principalmente com esse estranho. Ele chegou ao ponto de cheirar e lambe a mão do bobão, tornando-se o pior dos traidores. — E tem mais, sabe essa conversa de me chamar de bobão? Isso termina agora. Eu tenho nome, e gostaria que você o usasse — disse, aparecendo bem diante de mim novamente.

Parei. Não adiantava apostar uma corrida que eu não poderia ganhar. Coloquei as mãos nos quadris cobertos de tecido xadrez e disse:

— É? Então vamos ouvi-lo. Como quer que eu te chame?

— Bodhi. — E fez que sim com a cabeça, aparentemente satisfeito com o som da palavra.

— Bodhi — repeti, pensando que no quesito nomes até que aquele era bom. O único problema é que não combinava. Na verdade, tudo ali estava errado. Bodhi me remetia a surfistas bonitos e bronzeados, como aqueles que moram no bairro de Ever em Laguna Beach. Praticamente o oposto do Sr. Mané com cabelos horrorosos, óculos piores ainda e roupas de nerd parado bem à minha frente.

— É sério — ele disse, olhando em meus olhos por um instante antes de examinar em volta com nervosismo. — Você precisa parar com isso. Ouvi cada palavra... e também... — Ele fez uma pausa, cerrando os dentes para evitar dizer mais alguma coisa. Seu olhar estava fixo no meu quando acrescentou: — Ouça, só precisa saber que eu sou seu guia. Sou quem você está procurando. Pense em mim como seu professor, conselheiro, treinador e chefe, tudo junto em um só. O que *quer* dizer que não pode falar comigo assim, ou me chamar por esses nomes. Esse tipo de

insubordinação terá consequências. Consequências sérias. Apenas pare, certo? Meu nome é Bodhi, e espero que o use. Você precisa... — Ele hesitou, olhando em volta de um modo meio paranoico, e abaixou a voz ao dizer: — Você precisa me *respeitar*, certo?

Estreitei os olhos, alerta ao fato de ele ter evitado falar aquilo em alto e bom som, com uma pitada de paranoia no meio para completar.

Então esse é meu guia, pensei, engolindo um bocado de ar, imaginando que outros tipos de punição estariam por vir. Bem, ele não tinha asas, manto brilhante, nem auréola, nada que indicasse que pudesse ser meu chefe, e ainda assim ele era. Ele era meu chefe. Apesar de não querer acreditar, de algum modo sabia que era real. De algum modo sabia que ele não estava mentindo.

— Então você é como meu anjo da guarda? De verdade?

— Observei-o dar de ombros, obviamente nem um pouco interessado nos detalhes.

E havia algo nele, algo no modo como ficava curvado de pé — não curvado por má postura, não curvado por baixa autoestima, mas curvado como um cara legal com um nome legal —, que não combinava com o restante do visual.

Havia algo estranho nele.

Errado.

Algo que eu não podia apontar.

— Ouça — disse, ansioso para prosseguir. — Meu trabalho é ensinar-lhe tudo. Se quiser chegar ao próximo nível, quer dizer. E, acredite em mim, você tem muito a aprender antes de sequer pensar nisso. Mas vamos começar do início: precisamos ir em frente. Você está pronta para retornar ao plano terreno? — Ele colocou as mãos nos bolsos e olhou em volta, obviamente tão ansioso para *vámanos* embora do lugar em que estávamos.

— Ao próximo nível? — Olhei para ele cuidadosamente enquanto o acompanhava — O que isso quer dizer?

Mas ele já estava dez passos à frente. Olhando para trás, disse:

— Tudo na hora certa, Riley. Tudo na hora certa.



Deguei um bonde, um ônibus e um metrô para percorrer apenas parte do caminho. Pelo menos eu chamava de metrô. Bodhi chamava de trem subterrâneo.

E o cara que conferia os bilhetes chamava de túnel.

E quem sabia ao certo?

Só sei que fiquei bastante decepcionada por não termos voado.

E não estou falando em voar de avião, e sim do tipo de voo geralmente reservado aos pássaros, borboletas, anjos e talvez até as pessoas mortas como eu.

O tipo de voo que às vezes experimentamos nos sonhos, quando simplesmente decolamos e começamos a planar entre as nuvens, sem motivo aparente.

Eu estava esperando esse tipo de voo.

E quando isso não aconteceu, quando percebi que estávamos presos aos mesmos velhos meios de transporte que conhecíamos, bem, nem sei por que fiquei tão decepcionada. Especialmente pelo fato de que, pelo menos até então, nada na pós-vida estava sendo como eu esperava. Então por que seria diferente com essa história de voar?

— Está errada novamente — disse Bodhi, bisbilhotando meus pensamentos, o que, por sinal, estava começando a me irritar de verdade. Já era bem ruim saber que toda minha existência havia sido documentada, mas ter os pensamentos — que achei que seriam particulares — acessados com tanta facilidade por meu guia na pós-vida, isso realmente me perturbava.

— Isso é voar. — Ele assentiu com a cabeça, sem se importar em afastar os cabelos que caíam novamente no rosto, apenas deixando-os ali, pendurados na frente dos óculos, feito um macarrão grosso e sebosos. — E pode acreditar que é tão bom como imagina, para não dizer mais melhor.

— *Mais melhor?* — Arregalei os olhos e esbocei um sorriso. — Tem certeza? É realmente *mais melhor?*

Não consegui me conter, simplesmente desatei a rir em sua frente. E estou falando daquela risada que faz os olhos fecharem e a barriga contrair. Mas ele apenas me ignorou e continuou reclamando, como se eu não tivesse chamado a atenção para sua gramática.

— Não é necessário ter asas, como pensa — disse ele, esticando as pernas até ocupar os dois assentos vazios no corredor oposto a mim, e deixou as extremidades penduradas.

— E então, quando *eu* posso voar? — perguntei, acalmando-me o suficiente para olhar diretamente para ele.

Observei-o abaixando para acariciar Buttercup entre as orelhas, olhar para mim e dizer:

— Tudo na hora certa.

Revirei os olhos, já cansada daquela frase, e deduzi que não seria a última vez que a ouviria. Encolhi-me no assento, aproximando os joelhos do peito e abraçando-os com firmeza enquanto olhava pela janela, tentando apreender a paisagem que passava, pausá-la, entendê-la, mas o trem andava tão rápido que era difícil captar um detalhe. Ainda assim, eu tinha esse tipo de intuição em relação a todo o fluxo de imagens. Como um fluxo contínuo de representações, acontecimentos que ocorreram no plano terreno, incluindo fatos que se passaram muito depois e muito antes de minha época.

Toda a história da humanidade.

A história do tempo.

E mesmo sendo impossível dizer quanto tempo levou a viagem, não parece ter demorado muito. Pelo menos não tanto quanto se imagina que levaria uma jornada dessas. Antes que pudesse me dar conta, estávamos fora do túnel, fora do metrô, parados em uma plataforma enquanto Bodhi olhava em volta ao dizer:

— É isso.

Uma rajada de vento passou por mim, e o trem, do qual ambos desembarcamos desapareceu, deixando nós três observando o entorno, tentando nos orientar naquele lugar que, embora eu tivesse certeza de que fazia parte do plano terreno, não me parecia nem um pouco familiar. Permaneci concentrada em Bodhi, esperando que ele soubesse para onde estava indo ao nos conduzir em silêncio por uma rua, e depois outra, até encontrarmos uma viela longa e estreita que acabou nos levando a uma ruazinha de pedra. Ele apontou para o céu e disse:

— É isso. — Então parou por um instante e continuou: — Eu acho.

— Você... *acha*? — Estreitei os olhos. A quantidade minúscula de confiança que havia depositado nele desapareceu num *estalo*.

— Não. Tenho certeza. É sério. É isso, *definitivamente* — repetiu, endireitando os ombros e confirmando com um aceno de cabeça firme, tentando parecer certo, imponente, como um guia confiante e seguro de si. Mas eu ainda tinha a sensação de que ele estava tão perdido quanto eu e Buttercup.

— E o que é isso exatamente? — perguntei, olhando para onde ele apontava com o dedo, tentando olhar através das nuvens, do céu nublado e da neblina severa, sem conseguir enxergar muito longe.

— Aquilo, ali em cima. — Ele continuou apontando para o que eu tinha certeza de que não era nada em especial. — É aonde precisamos ir. Castelo Warmington. É onde ele mora.

— *Ele*? — Virei-me, analisando-o, ciente de que Buttercup apertava-se contra minhas pernas de um modo que dizia que se sentia tão mal quanto eu naquela situação.

Vi Bodhi sorrir, fechar os olhos e materializar dois skates, um preto para ele e um roxo para mim. Sem perder tempo, pulou sobre o meu e, olhando para trás, disse:

— Seu primeiro trabalho está esperando. O Garoto Radiante. Agora siga-me, e tente me acompanhar.



Tudo o que tenho a dizer sobre o trecho que percorremos de skate, é que Bodhi não anda como pensei que andasse. Para ser sincera, esperava ver um espetáculo bem ruim, uma demonstração de doer. Mas na verdade ele não caiu, não se machucou e não vacilou nem um pouquinho.

Pelo contrário, fez tantas voltas e curvas e giros e manobras que tudo o que pude fazer foi tentar acompanhar o ritmo.

Acho que não imaginava.

Fiquei surpresa de todos os modos possíveis.

E caso você pense que tudo isso pode ser atribuído ao fato de estar morto... *bem*, pense novamente. Estou morta também, e mal conseguia me equilibrar, muito menos virar e girar para cima e para baixo naquelas ladeiras sinuosas e íngremes. Não, aquilo era habilidade pura que ele tinha, e que claramente faltava em mim. E quando chegamos ao alto, vi ele pisar na ponta do skate, fazendo com que virasse facilmente e chegasse até sua mão, enquanto ele me olhava e dizia:

— Eu disse que estava prestes a me tornar profissional. — Inclinou a cabeça, seguindo na direção da construção que havia diante de nós. — E então, o que acha? Incrível, não é?

Fiz que sim com a cabeça. Embora fosse o primeiro castelo que via — fato que por si só já me deixaria surpresa e ansiosa para ser impressionada — era obviamente um dos bons. Feito de pedras lisas na cor cinza, era alto, imponente e parecia se esticar até o infinito. Havia várias e várias daquelas torres altas e pontudas, que acho que se chamam torretas. Só faltava um fosso cheio de jacarés, mas preferia ignorar essa parte.

Engoli em seco, sem saber se estava realmente preparada para aquilo. Quer dizer, se eu vivesse em um lugar incrível assim, também não abriria mão. De olho em Buttercup, que estava por aí farejando e marcando o bem-cuidado território, limpei a garganta e disse:

— Então, o que exatamente estamos fazendo aqui? — Chutei discretamente o skate para baixo de um arbusto, esperando não precisar usá-lo novamente tão cedo.

— É aqui que ele mora — disse Bodhi com a voz cheia de reverência. — O Garoto Radiante. Está aqui há anos. Séculos, na verdade.

— Por que o chama assim? — Estreitei os olhos, mais interessada em fazer hora que na resposta.

— Porque é o nome dele. — Deu de ombros, mordendo o lábio inferior daquele seu jeito estranho.

— Então está me dizendo que a mãe dele realmente o batizou de *Garoto Radiante*? — Balancei a cabeça e revirei os olhos, tamborilando em minha saia xadrez de lã. — Não é de estranhar que ainda esteja aqui, que ainda assombre este lugar. Ele está bravo. Quer um recomeço. Uma segunda chance com um nome melhor. Não é culpa dele. O garoto se deu mal. Bodhi me olhou pelo canto de olho, nem um pouco entretido.

— Ninguém sabe o nome verdadeiro dele, nem de onde ele veio. Tudo o que se sabe sobre ele é que passou centenas de anos assustando pessoas. Como, e por que, continuam sendo um mistério. E é aí que você entra.

Ele se virou para mim, com o olhar fixo em meus olhos esbugalhados e o queixo caído. Meu guia, meu chefe, meu professor, meu treinador, o que quer que fosse, qualquer autoridade que alegasse ter sobre mim, eu duvidava que realmente tivesse poder para ampliar a descrição de meu cargo daquela maneira. O Conselho já havia dito que eu seria treinada como Apanhadora de Almas, alguém que captura almas presas ao plano terreno e as faz seguir adiante. É isso. Ninguém nunca disse nada sobre aprender histórias pessoais, motivações ou resolver mistérios de nenhum tipo.

— Até onde eu sei, meu dever é levá-los até a ponte, nada mais, nada menos — disse, querendo que ele soubesse antes que aquilo fosse longe demais. Embora pudesse me humilhar no skate, ninguém podia mexer comigo.

Ele sorriu. Bem, ele *quase* sorriu — os lábios se levantaram um pouquinho em cada canto e logo caíram novamente.

— E como planeja fazer isso sem antes ganhar a confiança dele? — perguntou.

Engoli em seco. Não havia parado para pensar naquilo. Não havia parado para pensar em muita coisa além de voltar ao plano terreno. E agora que havia chegado e me dado conta da dimensão de minha tarefa, bem, digamos apenas que eu estava começando a sentir falta da nova escola, de Perseus, da garota vestida de líder de torcida, do menino de túnica e de todo o restante.

Respirei fundo, sentindo-me de repente muito pequena e incapaz, sem saber se realmente estava apta a lidar com aquelas questões.

E não parecia que Bodhi facilitaria as coisas. Ele apenas continuou falando, como um narrador em um daqueles documentários chatos que somos obrigados há assistir nos dias chuvosos na escola:

— Ele é conhecido por ser um espectro de cabelos dourados que brilha de verdade no escuro, e dizem às lendas que vê-lo é prenúncio de desgraça e maldição. Mas no último século isso parece ter sido dado como falso, já que muitas pessoas o viram e nenhuma delas, pelo menos até agora, hmmm, caíram em desgraça... por assim dizer. Além disso, há mais boatos de que ele talvez seja alemão, e talvez tenha sido assassinado pela própria mãe. Mas, novamente, trata-se apenas de pura especulação. O que posso afirmar com certeza é que há muitos relatos de uma série de Garotos Radiantes assombrando vários castelos tanto no condado de Cumberland quando no de Northumberland, mas meu palpite é que todos esses outros sejam

falsos, uma mentira inventada pelos donos dos castelos para tentar competir com Warmington, atrair negócios e colocá-los no mapa. Sem contar...

— Espere... que condados mencionou? — perguntei, olhando para o grande castelo de pedra diante de mim, e enrolando da pior forma possível.

— Alguns condados aqui da Inglaterra. Enfim, também dizem...

— Espere... estamos na *Inglaterra*? — Olhei para ele com os olhos arregalados de empolgação. Eram as primeiras notícias boas que ouvia naquele dia. Bodhi confirmou com a cabeça, querendo continuar sua aula, mas eu não estava interessada. Ainda estava parada na parte em que acabei de fazer minha primeira viagem internacional. — Então, podemos dar uma olhada em Londres? Depois que terminarmos de... hmmm... *empurrar* o Garoto Radiante para o outro lado da ponte? — perguntei, cruzando os dedos discretamente e esperando que pudéssemos, porque aquilo faria tudo valer a pena. Seria muito, muito legal.

Bodhi franziu a testa, claramente irritado, e disse:

— Sim, claro, que seja. Mas primeiro precisa prestar atenção. Precisa saber com o que está lidando aqui. Sem contar que ninguém *empurrará* ninguém para lugar nenhum. Você irá *persuadi-lo* com paciência e *convencê-lo*. Ele tem que cruzar a ponte por livre-arbítrio.

Olhei para Bodhi, pensando em como era engraçado o fato de uma hora ele ser como qualquer outro garoto normal de catorze anos, que usa expressões como “mais melhor”, e na outra, ser todo sério e burocrático, usando palavras como “arbítrio”. E como alguém que também gostava de misturar um pouco o vocabulário, decidi que gostava dele por isso.

Mas só por isso.

Olhei para o castelo, tomada de entusiasmo.

Eu iria a Londres!

Lar de Robert Pattinson, Daniel Radcliffe, príncipes William e Harry, sem contar a banda favorita de todos os tempos de meu pai, os Beatles (certo, tecnicamente eram de Liverpool, mas ainda assim era perto o suficiente para mim).

Só precisava livrar aquele lugar de um fantasma e já estaria lá. Convencer um filhinho da mamãe mimado, com nome infeliz, que se recusava a abrir mão da grande casa com jardins elegantes e fontes, e torretas pontudas, a seguir, bem, pelo que vi, para uma escola estranha e um resumo de vida realmente desagradável.

E, naquele momento, eu *soube* que conseguiria. Seria moleza. Tinha toda a motivação de que precisava. Quer dizer, é sério, de repente fiquei muito segura, com confiança de sobra.

Interrompendo o discurso interminável de Bodhi, eu disse:

— Certo, então vamos direto ao ponto. Com o que exatamente estou lidando? Quantos anos tem esse garoto? — Imaginei que seria melhor entrar com um plano, e saber a idade me diria como abordá-lo.

Ou ele era mais novo que eu e, conseqüentemente, menos assustador, ou até mesmo inferior em tudo. Ou era mais velho, e, bem, eu teria um pouco mais de trabalho, mas nada que não pudesse dar conta.

— Não sei — suspirou Bodhi. — Ninguém sabe. Esse garoto é um enigma, um mistério completo. Mas alguns dizem que ele parece ter uns dez.

— *Dez?* — Fiquei boquiaberta, alternando o olhar entre o castelo e Bodhi. Mal podia acreditar em minha sorte. Esse garoto, esse garoto fantasma assustador tinha apenas dez anos? — Ah, por favor... — Eu ri, balançando a cabeça e permitindo-me revirar os olhos lenta e dramaticamente. — Eu me lembro de quando tinha dez anos. — Afastei a franja do rosto, endireitei os ombros e alisei a saia, preparando-me para entrar. — E onde está ele? Onde está esse garotinho assustador de dez anos de idade? Leve-me até ele. Tem uma viagem para Londres me esperando.

Bodhi olhou para mim, obviamente pensando em algo, e certamente decidiu não seguir qualquer que fosse seu pensamento, quando deu de ombros e disse:

— Certo, faremos do seu jeito. Por enquanto. Siga-me.



Buttercup e eu o seguimos por um grande jardim, cruzamos um caminho de cercas vivas cuidadosamente aparadas que formavam um labirinto complicado para aqueles que, ao contrário de nós, não podiam simplesmente atravessar no meio delas. Continuamos através da grossa parede de pedra e saímos do outro lado, em uma sala enorme com pé-direito muito alto, grandes janelas com vitrais, tapetes puídos, candelabros empoeirados e, tipo, um monte de coisas velhas que imaginei serem antiguidades de valor inestimável.

— Dizem que ele assombra o quarto azul — sussurrou Bodhi, mesmo não havendo nenhuma pessoa ali e apesar de ninguém poder nos ouvir. Ele passou os olhos por todo o local até avistar a escadaria, jogou o skate no chão e foi até ela.

— Este lugar tem tantos cômodos que é preciso identificá-los pela cor? — perguntei. Já havia visitado algumas mansões de celebridades no início dos meus dias de morta, mas nunca um castelo de verdade, nunca algo tão grande, amplo e incrível como aquele.

Bodhi apenas deu de ombros, já no alto do patamar da escada, apontando com a cabeça para a direita ao dizer:

— Se me lembro bem, é por aqui. Terceira porta à esquerda. — Parei. Parei onde estava. Não estava gostando de como aquilo soava. Não estava gostando nem um pouquinho.

— O que quer dizer com se você *se lembra bem*? — Analisei-o com cuidado, tentando encontrar alguma pista, algum tipo de tique nervoso que o entregasse, olhos piscando, joelhos trêmulos, algum detalhe. Mas, além do hábito estranho de morder o lábio inferior, nada descobri. Sua expressão era a de uma folha em branco. Completamente impossível de se decifrar. Relutante em entregar qualquer coisa. — Quer dizer que já estive aqui, certo? — continuei a sondar, ciente de que ele estava escondendo algo, alguma informação que eu deveria saber, mesmo que fosse para uso futuro, e eu estava determinada a fazê-lo dizer. — Veio pelo Garoto Radiante? Foi mandado aqui para convencê-lo a seguir adiante? E, se foi, isso significa que *fracassou*? Isso significa que não foi capaz de... — Levantei as mãos, dobrando os dedos em forma de asas imaginárias, e disse: — *Persuadir com paciência* e convencer o menino de dez anos de idade a cruzar a ponte?

Ele olhou para mim, os olhos sem entregar nada, e disse:

— É uma longa história, Riley. E não temos tempo para ela se quiser conhecer Londres. — Mesmo que sua voz estivesse seca e um tanto quanto indiferente, não

funcionou. Eu estava de olho nele agora. Podia sentir em meus ossos inexistentes que havia algo naquela história.

Ele havia fracassado naquilo que eu estava prestes a conquistar.

Rá! Que guia ele estava se revelando ser.

— Certo. — Ele suspirou, cedendo um pouco, mas apenas um pouco. — Digamos apenas que você não é a única a fazer uma tentativa com esse menino. Muitos tentaram nos últimos, *hmmm*, vários séculos. Mas isso apenas significa que as expectativas são tão baixas que ninguém está esperando muito de você. O que é bom, pois aposto dez paus que você sairá correndo e gritando assim que colocar os olhos nele.

— Dez paus? — Revirei os olhos, jogando os cabelos louros sobre o ombro. — Ah, por favor. Posso materializar montanhas de notas de dez dólares, assim como você. Quer apostar para valer, então aposte algo que realmente valha alguma coisa. É sério. Dê-me algo em que possa me inspirar. Ele estreitou os olhos, esboçou um sorriso nos lábios e disse:

— Que tal aquela viagem para Londres? Se convencer o Garoto Radiante a seguir em frente, ganha a viagem. Se não... — Ele deu de ombros, deixando o resto no ar, embora o significado estivesse claro.

Mas eu fiz que não com a cabeça. Já havíamos decidido que eu ia, tudo o que precisava fazer era terminar o trabalho em tempo hábil. Ele não ia de jeito nenhum mudar as regras agora. Não depois de já estarem estabelecidas.

Ele se virou, tentando esconder o sorriso que surgia em seu rosto. O sorriso que eu não precisava ver para saber que estava lá. Quando se virou novamente, já não existia mais. Havia sido apagado e substituído por um olhar de profundo ceticismo quando disse:

— Certo, você não sai dali gritando, consegue cumprir o que os outros não conseguiram, faz com que o Garoto Radiante atravesse a ponte, e eu lhe ensino como voar para Londres, certo? O que acha?

E quando ele olhou para mim, ficou claro que estava orgulhoso de si mesmo. Estava certo de que aquilo nunca aconteceria, de que eu fracassaria de forma miserável e o acordo não teria valor.

Mas, por mim, tudo bem. Como a pessoa mais nova da família, costumava ser subestimada e adorava provar que todos estavam errados.

— E Buttercup? Ele pode voar também.

Bodhi alternou o olhar entre meu cachorro e mim, e deu de ombros.

— Tudo bem — disse, colocando o cabelo atrás da orelha, preparando-me para a batalha que se aproximava, imaginando que os outros detalhes poderiam ser resolvidos depois. — Negócio fechado.

Seguindo ao lado dele enquanto andava pelo corredor, ele parou abruptamente e disse:

— Bem, é aqui — Ele apontou para uma porta pesada com pintura sofisticada a alguns metros de distância. — O quarto azul. Lar de seu novo amigo.

— Lar de um menino de *dez anos de idade* — murmurei, balançando a cabeça.

Estava prestes a passar pela porta quando Bodhi me alcançou. Seu braço ficou hesitante, no ar, até que ele o abaixou e mudou a expressão de séria para amigável, e disse:

— Riley... — Eu me virei, captando preocupação genuína em seu olhar. — Não... não é o que está pensando. Há muito mais coisas nessa história. Coisas que você deveria saber antes de entrar.

Suspirei e revirei os olhos, imaginando que se tratava apenas de mais uma tática para ganhar tempo, ou algum tipo de jogo psicológico. Pensei que àquela altura ele estivesse disposto a fazer o que fosse necessário para garantir sua vitória e me negar à lição de voo que claramente estava relutante em dar.

— Ele é um *fantasma*. Ele tem *dez* anos. Ele é chamado por *um nome estranho* que pode ou não ser culpa dele, isso ainda precisa ser determinado, e eu preciso convencê-lo a seguir em frente — eu disse, mostrando um dedo para cada motivo que apresentei, ainda com o polegar dobrado no centro da palma da mão. — Sério? Qual a dificuldade? E o qual a pior coisa que ele pode fazer? Ele não pode me matar, sabe? Então, agora que está tudo explicado, posso, por favor, falar com ele? Gostaria muito de riscar isso de minha lista... Tenho uma aula de voo a fazer.

Bodhi lançou para mim um olhar demorado, duro e confuso. Depois balançou a cabeça e fez um sinal me dispensando. Talvez tenha murmurado algo sobre me desejar boa sorte, sobre ficar esperando do lado de fora para o caso de eu precisar de ajuda... ou talvez não.

Nunca saberei ao certo.

Eu já havia seguido em frente.

Buttercup e eu já estávamos do outro lado da porta.



Ao entrar no quarto, minha primeira visão foi...
Não, esqueça isso. Primeiro, deixe-me dizer o que não vi.
Não vi o Garoto Radiante.

E também *não* vi um quarto azul.

Na verdade, nada naquele quarto chegava perto da cor que qualquer pessoa chamaria de azul.

Se fosse para dizer alguma cor, o quarto em que entrei era amarelo. Um quarto tão incrivelmente brilhante e amarelo, que meus olhos doíam, só de olhar.

— Já voltou? — perguntou Bodhi, encostado no corrimão daquele jeito curvado, mastigando um longo canudo verde como os da Starbucks, em vez do lábio inferior que mordida alguns minutos antes. Olhou-me com atenção, aparentemente nem um pouco surpreso por eu ter abandonado o jogo tão rápido.

Só que eu não havia abandonado nada.

Não estava nem perto.

E eu estava de olho nele.

Ele estava tentando confundir minha cabeça. Chegara ao ponto de me mandar para o quarto errado.

Que belo treinador havia se tornado.

Mas não fazia mal. Eu nem precisava mesmo da orientação de Bodhi. Quer dizer, que tipo de ajuda ele poderia me oferecer quando estava bem claro que, na verdade, estava tentando me sabotar?

Tinha tanto medo de que eu fosse bem-sucedida no ponto em que ele falho, que faria de tudo para me derrubar.

Já chega, decidi. Assim que voltasse, a primeira coisa que faria seria encontrar Aurora, ou mesmo outro membro do Conselho, caso ela não estivesse disponível, e exigiria um novo guia. Ou, melhor ainda, *eu* viraria guia de Bodhi. E o primeiro item de minha lista seria fazer uma transformação completa nele, dos pés à cabeça. Insistir que se desfizesse dos óculos, das roupas, mudasse o cabelo — e isso só para começar. Depois, quando ele não estivesse tão constrangedor de se olhar, bem, aí veríamos...

— Pode esperar sentado. Não terminamos ainda — disse, olhando para trás enquanto Buttercup e eu seguíamos pelo corredor. — Você me mandou para o quarto errado. Mas tenho certeza de que já sabia. Nem se levante. Vai precisar de toda a sua energia para aquele voo até Londres, então fique quietinho onde está. Não vai

demorar muito para eu achar esse pequeno assustador de dez anos de idade e mandá-lo para o Doce Aqui, e logo depois poderemos seguir viagem.

Enfieei a cabeça em uma série de portas e, depois de espiar o quarto verde, o branco e o cor-de-rosa, finalmente encontrei.

Não o Garoto Radiante, veja bem; pelo que pude ver, ele não estava em lugar nenhum. Mas havia uma abundância de azul. Estou falando de muito, muito azul. Como um oceano. Metros e metros do mesmo tecido azul usado para fazer as cortinas, os travesseiros, os cobertores, e inclusive o conjunto antigo de sofá e poltrona, que acho que se chama canapé, era estofado com aquilo, enquanto as paredes eram pintadas de um tom quase idêntico.

Azul, azul, eu estava me afogando em azul. E quando olhei para Buttercup, ocupado cheirando os quatro cantos e algo mais, não pude deixar de pensar no modo como ele enxergou os quartos anteriores. Se ter morrido o havia curado daquela incapacidade dos cães em enxergar a maioria das cores do espectro.

Mas, mesmo tendo certeza de que estávamos no quarto certo, não havia nenhum Garoto Radiante de dez anos de idade ali. Nem nada que se parecesse remotamente com um.

Além de Buttercup e mim, não havia no quarto nenhuma entidade ligada a Terra.

Mas é isso que acontece quando o assunto são fantasmas. Eles nem sempre ficam em um lugar só, como pensa a maioria das pessoas. Certamente têm suas preferências e rotinas, lugares que gostam de ficar com mais frequência do que outros, onde repetem os mesmos atos várias vezes. Mas, na maior parte do tempo, não há limites. Podem ir para onde quiserem, quando quiserem. Está tudo à disposição. Eles só precisam escolher. Eu sei, por que já fui um deles.

Não diria que estava prestes a sair em uma grande caçada atrás dele, pois, até onde podia ver, havia centenas de cômodos naquele lugar. E como já estava anoitecendo, e Bodhi havia dito algo sobre o garoto gostar de amedrontar as pessoas, imaginei que o melhor a fazer para poupar energia seria esperar o sol se pôr, o céu escurecer, e o menino dar início à sua festa noturna de terror.

Porque se eu tinha alguma certeza, era de que todos os meninos de dez anos de idade são iguais. Mortos, vivos, não fazia a mínima diferença. Eram todos irritantes, repugnantes, pentelhos que adoravam atormentar as pessoas. Com base em tudo o que eu ouvir, esse não era diferente.

Subi na grande cama com dossel, que ficava tão no alto que havia um banquinho para ajudar, ajeitei os travesseiros do modo como queria e depois bati sobre a colcha, convidando Buttercup a saltar e se juntar a mim. Então nos recostamos e esperamos. Esperamos por tanto tempo que ambos acabamos caindo em um bom, profundo e silencioso sono.

Até alguém se atrever a se espalhar ao nosso lado.

A princípio, quando senti o colchão afundar, mexer e levantar, estava tão profundamente envolvida em meu estado de sonho que não pensei muito sobre isso. Mas depois, quando começaram os roncos, vindo até mim de ambos os lados, arregalei os olhos, virei à cabeça e encontrei um homem grande e de sobrancelhas

vastas praticamente vibrando com o próprio ronco. E quando olhei para a esquerda, fui saudada pela visão de uma mulher ligeiramente (mas apenas ligeiramente) menos sobranceira, fazendo o mesmo.

E eu no meio, como um sanduíche.

Preso entre duas pessoas de tamanho considerável, que roncavam alto e que eu nunca havia visto.

Fiquei tão desconcertada que, bem, não pude evitar: minha boca se abriu e um grito demorado e alto escapuliu. Buttercup acordou na hora, apontou o focinho para o teto e começou a uivar e a latir como louco. Ele ficou olhando para mim com as orelhas levantadas, balançando o rabo como maluco, enquanto esperava as instruções, certo de que aquilo era algum tipo de jogo.

Só que não era.

Não chegava nem perto de ser.

Eu havia sido acordada de maneira brutal, estava extremamente abalada, porém o mais importante é que havia gritado tão alto que praticamente podia ver Bodhi parado no corredor, fazendo uma dancinha da vitória ridícula, balançando o canudo na boca de modo descontrolado e cumprimentando a si mesmo.

— *Que ótimo* — murmurei, dando um tapinha na cabeça de Buttercup e tentando acalmá-lo novamente, embora soubesse que o casal adormecido não podia nos ouvir a menos que quiséssemos ser ouvidos. E, para dizer a verdade, na maioria das vezes, nem assim. Eram raras as pessoas que podiam sintonizar os mortos, mas elas existiam, disso eu tinha certeza. — Isso é *ótimo*. — Balancei a cabeça e saí do meio do casal de roncoadores, desejando que esse menino radiante se apressasse e aparecesse logo, para que eu pudesse fazê-lo atravessar para o outro lado e acabar com tudo aquilo.

Segui na direção da penteadeira e espiei os pertences deles, tentando entender o que faziam ali. Abri a tampa de uma colônia com cheiro de pinho (eca) e depois cheirei o perfume que estava ao lado, inalando uma combinação repugnante de naftalina e arbusto seco (duplo eca). O odor era tão ruim que o frasco escorregou acidentalmente de meus dedos e caiu, fazendo um barulho terrível.

Bem, uma série de barulhos, enquanto eu observava paralisada de pânico, o vidro caindo no chão e Buttercup correndo na direção dele.

Olhei para o casal que adormecido, sabendo que mesmo que não pudessem nos ouvir, ou ver a menos que nós quiséssemos, a menos que desviássemos sua própria energia para nos materializarmos diante deles, não havia nada que os impedisse de ouvir o som de um objeto inanimado batendo no chão. E vendo o modo como os dois estremeceram e se movimentaram, soube que em algum nível eles ouviram, mas estavam determinados a continuar dormindo.

Passei às malas abarrotadas, curiosa para ver que tipo de roupa haviam escolhido para a viagem de fim de semana no castelo mal-assombrado, quando Buttercup, ainda extasiado com o vidro de perfume, atingiu-o com a pata usando tanta força que o frasco saiu girando pelo quarto e bateu na parede, onde se quebrou em milhões de pedacinhos de caco de vidro malcheirosos.

— Muito bem, Buttercup. — Balancei a cabeça e revirei os olhos para ele. — Parabéns. — Suspirei, vendo-o esconder o rabo entre as pernas e abaixar a cabeça, sabendo que estava encrocado e relutante em chegar perto de mim. Eu estava prestes a materializar uma coleira, ciente de que ele odiaria, mas que obviamente estava se tornando necessário, quando ouvi um clique.

Seguido de um leve zumbido.

E depois um sussurro nervoso.

— *Ouviu isso?*

Olhei para trás por cima do ombro, agarrando com força uma camiseta branca com a bandeira do Reino Unido, e dei de cara com a dupla dinâmica — também conhecida como o marido e a esposa que estavam me esmagando na cama. Ambos usavam agasalho combinando na cor verde-floresta, com as palavras caça-fantasmas internacionais da Pensilvânia escritas em garranchos brancos, grandes e confusos na frente.

O marido segurava algum tipo de aparelho de gravação que o deixava realmente empolgado, enquanto a esposa segurava a câmera com a mão notavelmente trêmula. Ela rastejava na direção onde eu estava, empenhando-se em captar imagens ao vivo de...

Bem...

De mim.

Fiquei agachada, ainda com a camiseta na ponta dos dedos, sabendo que acabava de ser pega no meio do ato constrangedor de fuçar seus pertences.

Passei os olhos freneticamente pelo quarto, tendo uma noção mais completa do que estava realmente acontecendo: eu não apenas havia sido pega espiando, mas também havia sido pega assombrando inadvertidamente um quarto que eu pretendia, bem, desassombrar.

E não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Eu não sairia de jeito algum. Fincaria o pé naquele quarto azul até encontrar uma forma de cumprir a tarefa para que fora designada. Senão Bodhi nunca me deixaria voar até Londres, nunca me deixaria saber o final da história.

— Buttercup! — sussurrei, largando a camiseta e ouvindo-os ofegantes ao vê-la, ao que tudo indicava, caindo no ar espontaneamente. Estava determinada a continuar sussurrando, mas, pelo modo como olharam abismados para o gravador, para as pequenas curvas e linhas que subiam e desciam, ficou claro que mesmo sem poderem me ver nem me ouvirem, o equipamento registrava tudo. — Venha *já* aqui! — chamei por entre os dentes cerrados, irritada com o modo como ele correu na direção deles, cheirou-os, depois lambeu-lhes as mãos, como se fossem amigos de longa data que se reencontraram de repente.

Ele veio em minha direção com o rabo entre as pernas, olhando-me com os grandes olhos castanhos.

— Assim é melhor — eu disse suavemente, afagando sua cabeça para mostrar que estava mais chateada do que brava, enquanto vi o casal levantar as mãos e analisar os dedos em que Buttercup havia acabado de babar, e depois virar um para o outro com as sobrancelhas erguidas e perguntar: “Você sentiu isso?”

— Você precisa ficar perto de mim, não deles. Não importa o que aconteça de agora em diante, preciso que fique ao meu lado, certo? Não podemos correr riscos... Só preciso pensar no que fazer antes que eles...

A mulher se moveu em minha direção com passos curtos, arrastando-se pelo chão. Os grandes pés descalços eram cheios de calos e inchaços, com o esmalte tão descascado que fazia minhas unhas parecerem recém-feitas. Andava na ponta dos pés sobre o tapete com a câmera de vídeo à frente. O leve zumbido do aparelho espalhava-se pelo quarto enquanto gravava o que eu presumia ser uma série de imagens brancas, incandescentes e trêmulas de uma pequenina bolha de luz e de outra menor ainda, uma vez que, com base em todos os programas de fantasmas e assombrações que vi na tevê, era raro que essas gravações captassem mais que isso.

— Ele não está sozinho — ela sussurrou, acenando para o marido por sobre o ombro. — Há alguém com ele, alguém menor, como se estivessem agachados.

Ele?

Estreitei os olhos e fiz cara feia, cutucando Buttercup para que viesse para mais perto de mim. Puxei a saia e passei os dedos pelos cabelos até ficarem um pouco mais arrumados, um pouco mais femininos, pois estava muito ofendida pelo fato de ter sido confundida com um garoto de dez anos de idade.

— É ele? É mesmo o Garoto Radiante? — perguntou o marido, com uma mescla de empolgação e medo ao pronunciar o final de cada palavra.

— É — disse ela com a voz firme e decidida, embora os olhos não estivessem tão convencidos. — Pelo menos parece. E há alguém com ele. Alguém menor. Há dois Garotos Radiantes aqui!

Minha nossa.

Revirei os olhos e balancei a cabeça, permanecendo no lugar enquanto ela chegava cada vez mais perto.

Que bela caça-fantasmas ela era. Confundindo o que claramente era uma lourinha bonitinha e seu adorável labrador amarelo não apenas com um, mas com dois meninos-fantasma travessos. *Droga!*

— Tente falar com eles. Tente fazer contato — insistiu o marido. Seus olhos estavam fixos na tela do pequeno aparelho portátil, ansioso para ver as linhas subirem e descerem novamente. — Pergunte a eles por que estão aqui e o que querem. Perguntem se gostariam de transmitir alguma mensagem — disse, como se eu só pudesse ouvir as palavras que ela pronunciasse. Como se ela tivesse alguma patente para falar com aqueles que já se foram.

O marido apareceu atrás dela, tomando a câmera que ela passou sobre o ombro e segurando-a com uma das mãos enquanto mantinha o gravador de voz na outra. Ficou observando enquanto a esposa se arrastava para mais perto, passando as mãos pelo agasalho verde amarrotado, mas ignorando o cabelo despenteado, com o qual, se eu fosse ela, estaria bem mais preocupada.

— Gostaria de transmitir alguma mensagem? Podemos fazer algo por vocês? — perguntou a mulher, agachando-se. Seus joelhos fizeram um estalo tão forte e violento que eu pulei de susto. Encolhi-me novamente contra a parede enquanto ela inclinava o rosto até que estivesse perigosamente perto do meu e do de Buttercup.

— Sim — eu disse, encontrando novamente minha voz e confirmando com a cabeça com sinceridade. — Gostaria muito que guardassem o equipamento e fossem embora. Assim eu poderia lidar com o Garoto Radiante sozinha. Sabe, aquele que na verdade vieram ver? É sério, vão andando para que eu possa terminar meu trabalho.

Fiz cara feia, ciente de que ela não pretendia ir a lugar algum. Não enquanto Buttercup e eu estivéssemos proporcionando a maior emoção de sua vida como caça-fantasmas, embora, tecnicamente falando, nós não pudéssemos ser considerados entidades ligadas a Terra, já que estávamos ali em uma missão e não tínhamos planos de ficar. Era um fato pequeno, mas importante, que ela estava ignorando.

Cruzei os braços e dei um suspiro longo e alto, sem me importar mais quando ela se virou para o marido com os olhos arregalados, balançando a cabeça para cima e para baixo, e disse:

— Sentiu isso? Agora? Essa rajada de ar frio?

Ele fez que sim, correndo os olhos entre o visor da câmera, o gravador de voz, os olhos de maluca da esposa, e repetiu a sequência.

— Está gravando isso tudo? — perguntou ela, levantando-se de modo que os joelhos estalaram novamente, fazendo Buttercup tremer e eu me encolher de medo.

— Tudinho — murmurou. — Cada segundo. — Ele sorriu com os olhos brilhando.

— Fantástico! — exclamou com o rosto iluminado e as bochechas coradas de animação, enquanto o cabelo, ainda ignorado desde que ela pulara da cama, continuava arrepiado. Observar tudo aquilo, bem, era demais para mim.

Eu não apenas havia sido gravada e filmada, destinada a parar em um site caseiro de segunda categoria pateticamente malfeito de caça-fantasmas, mas também ainda não havia visto o Garoto Radiante, e, enquanto eles continuassem com aquilo, certamente não veria.

Sentei-me encostada na parede e fiquei encarando o casal diante de mim, esperando que tivessem conseguido uma boa cena daquilo em algum momento do restante da filmagem. Observei-os enquadrando-nos em close, parando muito perto de onde Buttercup estava abaixado. Ele mudou para posição de guarda e deixou escapar um rosnado baixo e ameaçador.

— Ah, agora resolveu não gostar dela? — Olhei para ele e balancei a cabeça. — Há poucos minutos estava babando nas mãos dela. O que me diz disso?

Mas logo após dizer aquilo, percebi que ele não estava rosnando para a mulher. Havia alguém atrás dela.

Alguém que se aproximava dela e do marido por trás.

Alguém que brilhava tanto que todo o quarto se iluminou.

Alguém que só poderia ser descrito como...

Radiante.



Atrás dele, o quarto estremeceu.
Objetos voaram.

O casal de caça-fantasmas saiu correndo pela porta, com Buttercup grudado em seus calcanhares. Eles largaram o equipamento e abandonaram seus pertences sem pensar duas vezes. O eco do grito agudo do marido ficou no ar por um bom tempo depois que saíram.

Deixaram-me sozinha para lidar com o Garoto Radiante, enquanto praticamente tudo o que não estava pregado ou que não pesava mais de noventa quilos levantou voo exclusivamente em minha direção.

Uma cadeira quase me partiu ao meio.

Uma luminária quase arrancou minha cabeça.

E um par de meias velhas acinzentadas, ambas com buracos no dedão e no calcanhar, levantaram-se da mala do casal e foram direto para meu pescoço, totalmente empenhadas em me estrangular.

Tudo girava formando uma ventania frenética que poderia competir com qualquer tornado do Centro-oeste americano, e não parou até que todo o quarto, tudo o que havia nele, estivesse quebrado, derrubado ou bem longe de seu lugar original.

Encolhi-me perto da parede, escapando por pouco de um secador de cabelos que sibilou e deu voltas diante de mim como uma cobra venenosa. Fiquei com muito medo de fechar os olhos e perder alguma coisa, e também de mantê-los abertos devido ao que poderia ver. Com os olhos semicerrados, avistei em meio ao vento e aos escombros o Garoto Radiante irritado comigo, e desejei ter agarrado o rabo de Buttercup e escapado dali enquanto ainda podia.

Mas agora era tarde demais. O fato de não ter corrido deixou-me sem opção, a não ser lidar com a situação. Se eu tinha alguma esperança de ir a Londres, aprender a voar, ou mesmo ter coragem para encarar Bodhi novamente, precisaria aguentar firme, não importava o que tivesse que enfrentar.

Não importava o que acontecesse *comigo*.

O Garoto Radiante elevou-se de forma ameaçadora, ficando do triplo de seu tamanho em apenas alguns segundos. Os cachos louros, que estavam soltos e caídos momentos antes, transformaram-se em coléricas e odiosas cobras de três cabeças, e o corpo emitia um brilho tão forte... tão radiante... que tive que me esforçar muito para não cobrir o rosto. Seus olhos enfureciam-se ameaçadores, duas covas ardentes e flamejantes de raiva, embora não fossem nada em comparação à boca: um buraco

negro infinito, um abismo sem fim, tão aberta que eu tinha a sensação inconfundível de que ele pretendia me engolir inteira. Fechei a boca, desesperada para evitar que o grito escapasse. Meus olhos estavam fixos nos dois buracos flamejantes enquanto o menino se aproximava cada vez mais. Ele era a coisa mais assustadora que já tinha visto, tanto na vida quanto na morte. E isso incluí meus piores pesadelos, programas de tevê e até filmes que não tinha permissão para ver, mas que vi mesmo assim.

Nunca vira nada tão assustador quanto ele.

Seus olhos inflamados estavam coléricos de um modo tão intenso que eu podia sentir seu forte calor incandescente, enquanto o vazio de sua boca praticamente sugava o ar do quarto. Eu só tinha uma certeza:

Nenhuma viagem a Londres valeria aquilo.

E quanto a voar, bem, certamente era uma habilidade sobrevalorizada. Mas, quando me virei, passando discretamente um pé através da parede, ansiosa para fugir, pensei em Bodhi.

Pensei no sorrisinho debochado que ele daria assim que me visse no corredor com os olhos arregalados, e assustados como uma idiota.

Pensei no *fracasso*, e em como sempre fazia com que me sentisse mal.

E soube que não conseguiria desistir.

Não me permitiria ceder tão facilmente.

Pelo menos não sem uma boa briga.

Não importava o que aconteceria comigo, não importava o que o Garoto Radiante tentaria fazer, eu tinha que prosseguir.

Virei-me e coloquei as mãos nos quadris, endireitei os ombros, estreitei os olhos e reuni coragem para dizer:

— Bem, e o que está tentando provar aqui? — disse, esperando que ele não conseguisse ver o modo como meus braços e minhas pernas tremiam. Ele chegou mais perto, brilhando muito, abrindo cada vez mais a boca, esticando-a mais do que eu pensava ser possível, e percorrendo o espaço que havia entre nós com velocidade surpreendente. Aqueles globos oculares coléricos e quentes praticamente queimavam minhas sobrancelhas ao passo que ele se inclinava em minha direção e chacoalhava as cobras em sua cabeça, libertando centenas de cobrinhas de três cabeças e olhos vermelhos, finas e nervosas, com dentes afiados como lâminas de navalha — todas rastejando no chão, deslizando e se retorcendo em minha direção.

Saltei para o canapé, equilibrando-me sobre a mesa com tampo de mármore escorregadio, enquanto as cobras se arrastavam por todos os lados. Elas se multiplicavam com tanta rapidez que cobriram completamente o piso de madeira polida que havia ali alguns momentos antes — e que se transformou em um mar sibilante e infinito.

Mesmo tentando me manter calma, tentando lembrar que já estava morta, que elas não podiam me machucar de jeito algum, não adiantava. Não conseguia superar o medo.

Um mar de cobras, sem ter para onde fugir.

Era praticamente meu pior pesadelo se transformando em realidade. Pelo menos foi o que pensei até o Garoto Radiante de olhos flamejantes, cabelos de

serpente e rosto de demônio se metamorfosear em algo muito pior. Ele se transformou em um palhaço de circo completamente desvairado, com enormes sapatos vermelhos que pisavam nas cobras, deixando-as em frenesi, agitadas como um chicote selvagem, enquanto me olhava atravessado com aquele rosto assustador e exagerado. A boca vermelha gigantesca era como um corte irregular em sua carne, derramando densos filetes de sangue por toda a cara, e os olhos continuavam em chamas.

Ele chegou perto de mim, deixando que as cobras agitadas subissem e descessem por seus braços, e eu estava prestes a fugir, prestes a entregar os pontos e ir para um lugar seguro, sem me importar mais com o que Bodhi faria, sem me importar com nada além de me livrar daquela fera, quando descobri que não podia.

Não podia me mexer.

Não podia correr, não importava o quanto tentasse.

De algum modo, totalmente contra minha vontade, e sem que eu tivesse me dado conta, eu havia sido amarrada ao que logo reconheci como uma cadeira de dentista.

Abri a boca para gritar, esperando alertar Bodhi, Buttercup, o casal caça-fantasmas, *alguma* pessoa — *qualquer* pessoa —, sabendo que precisava de toda a ajuda que pudesse conseguir. Mas a fechei no segundo em que vi a terrível variedade de brocas, espátulas e agulhas que ele empunhava em minha frente, deixando-me sem escolha a não ser ficar em silêncio.

E foi quando percebi o que estava realmente acontecendo.

Esse Garoto Radiante/dentista/palhaço assustador, sádico, completamente maluco, usuário de brocas, encantador de serpentes havia olhado dentro de mim. Bem no centro de minha alma.

Havia escutado meus maiores medos.

Cobras — de três cabeças, por sinal!

Palhaços — resultado daquele terrível dia de verão na Exposição de Orange County, quando eu era criança e um palhaço/mímico louco cismou comigo e se recusava a parar de me seguir, a zombar de mim, até que meu pai foi obrigado a intervir.

Instrumentos de dentista — uma forma aprovada de tortura, disso não tenho dúvidas.

Eu só não sabia como ele havia conseguido fazer aquilo, como havia me lido tão bem.

E fiquei horrorizada ao pensar o que mais ele poderia saber.

Seus olhos flamejantes e a boca sangrenta chegavam cada vez mais perto, enquanto um emaranhado de cobras caía em minha cadeira, fazendo com que me encolhesse e me apertasse contra o encosto o máximo que podia, desejando poder gritar, achar um jeito de pedir ajuda, mas ciente de que ao fazer isso eu apenas daria acesso àqueles instrumentos terríveis. Pressionei o corpo contra as grossas faixas de lona, lutando contra elas com toda minha força. Mas não adiantou.

Ele já havia vencido.

Eu estava prestes a entrar para a lista dos Apanhadores de Almas que vieram antes de mim e fracassaram.



Cerrei os dentes e fechei bem os olhos, sem querer ver mais nada. Xinguei Bodhi baixinho por ter colocado uma novata em uma situação como aquela sem praticamente nenhum aviso, nenhum tipo de treinamento apropriado, e xinguei Buttercup também por ter me abandonado em uma situação que claramente era de profunda necessidade.

Estava prestes a implorar que parasse, a dizer que por mim ele poderia assombrar aquele lugar pelos próximos séculos, quando o ouvi soltar um rugido tão alto que não pude deixar de espiar. Não pude deixar de olhar para aquela cara terrível, vendo o palhaço de olhos flamejantes se transformar em todos os monstros de filme de terror dos últimos trinta anos. E foi quando eu soube:

Ele não me conhecia nem um pouco!

Não havia penetrado a parte mais profunda de mim como eu pensava. Estava apenas explorando todos os medos mais comuns — aqueles compartilhados pela maioria de nós.

E só o que me mantinha ali, desesperadamente assustada e acorrentada àquela cadeira, era minha crença de que ele tinha algum tipo de poder sobre mim.

Minha crença de que a mobília que voava poderia me machucar, quando era claro que apenas passaria através de mim.

Minha crença de que eu não superaria as cobras e os instrumentos de dentista, de que eram maiores que eu, muito poderosos para combater. Quando na verdade não eram.

E nem ele era.

De modo algum.

E perceber isso, bem, não fez as cobras irem embora, não fez os instrumentos de dentista desaparecerem, mas me deixou mais forte... Forte o suficiente para vencer meus medos. Então, quando ele passou os braços em volta de mim e jogou a cabeça para trás... eu não me encolhi.

Na verdade, nada fiz.

Apenas desatei calmamente os laços enquanto assistia ao Garoto Radiante... *vacilar*.

Vacilar de um modo que o desequilibrou completamente.

Vacilar de um modo que... *dividiu-o em três!*

Fiquei ali sentada de queixo caído, com um grito inaudível fazendo cócegas no fundo de minha garganta, pensando que a única coisa mais assustadora que um Garoto Radiante com raiva... seriam três Garotos Radiantes com raiva.

Mas só quando eles estavam agrupados em forma de pirâmide, como antes da queda. Depois de perderem o equilíbrio e caírem no chão, bem, não restaram dúvidas de que eu estava no comando.

Saí da cadeira e liberei o chão das cobras simplesmente desejando que desaparecessem. Em seguida, projetando o quadril e jogando o cabelo sobre o ombro, inclinei a cabeça e disse:

— Então vocês trabalham em equipe. — Indiquei com a cabeça, parando para observá-los. — Acho que isso explica por que ninguém conseguiu convencê-los a seguir em frente durante todos esses anos. Vocês devem ter passado os últimos séculos trabalhando em turnos, ou conspirando contra as pessoas e utilizando a grande e assustadora manobra da pirâmide. Não é uma batalha muito justa se paramos para pensar, não é?

Eles ficaram em pé com dificuldade, tentando assumir pose de durões, mas já era tarde demais. Dois resolveram ficar atrás, enquanto o outro deu um passo à frente como líder, e não pude deixar de pensar no motivo da escolha, já que todos me pareciam iguais. Mas quando ele se aproximou, quando todos se aproximaram, vi que não eram nem um pouco parecidos.

Quando estavam todos agrupados, empilhados uns sobre os outros e fundindo sua energia, eles assumiam o mesmo brilho forte e radiante. Mas, vistos separada e individualmente, tinham algumas diferenças bem distintas. Um era alto, outro não tão alto, e o terceiro tinha estatura mediana. E enquanto dois tinham cabelos cuja cor seria melhor descrita como platina, o daquele que deu o passo à frente estava mais para a variedade louro-avermelhada, e foi ele quem optou por erguer os ombros, estufar o peito, levantar o queixo e se dirigir a mim.

— Exijo que saia — disse com a voz firme e forte, um tanto quanto intimidadora.

Mesmo com a visão das cobras e do palhaço enlouquecido segurando instrumentos de dentista ainda fresca na mente, não tive escolha a não ser passar por cima dela, apagá-la completamente. Se queria chegar a algum lugar com eles, fazer algum progresso, era fundamental que eu mostrasse que não era a mesma menininha-fantasma assustada de alguns instantes antes.

— Por favor, diga que não está falando a sério — disse, sabendo que podia estar forçando a barra. Mas, ainda assim, mesmo havendo três deles e apenas uma de mim, eles continuavam sendo uma cambada de meninos de dez anos de idade, o que, em minha cabeça, era o suficiente para que eu estivesse no comando. — Bem, não está falando a sério sobre fazer *exigências a mim...* está? — Olhei em volta, registrando cada pequeno detalhe, pois prometi me lembrar daquele exato momento. Como era o quarto, como eles eram, sabendo que essa seria uma das minhas partes favoritas para contar depois. Balancei a cabeça, interpretando corretamente a explosão repentina de chamas em seus olhos como indignação, quando disse: — Ah, meninos, parece que estão falando seriamente. Certo. — Assenti com a cabeça, tentando não contrair os músculos com medo. — Mas, vejam, o negócio é o seguinte, eu não posso ir embora...

pelo menos não agora. Tenho um trabalho a fazer... e... *bem...* não vou a lugar algum até que eu tenha acabado. Então parece que temos um probleminha. Quer dizer... com vocês fazendo *exigências* e tudo mais.

Ele olhou por cima do ombro para os outros, que deram de ombros timidamente, mas ainda era o suficiente para ele me encarar novamente e dizer: — Proclamo que vá embora! Deve partir agora mesmo! — Ele levantou os braços com as palmas das mãos para cima enquanto mais cobras de três cabeças escorregavam por eles e saltavam em minha direção.

Mas eu simplesmente as golpeei, pois sabia que eram tão reais quanto eu permitisse que fossem. No geral, não havia nada que ele pudesse fazer para me ferir.

Dei de ombros e fui até o canapé estofado de azul. Virei o sofá de volta à posição normal e me joguei sobre ele, presumindo corretamente que aquilo levaria mais tempo do que eu esperava, com todas as exigências e proclamações que deveria superar. Assim, era melhor eu me acomodar.

Ele ficou parado diante de mim, com as sobrancelhas louro-avermelhadas unidas acima das órbitas coléricas e vermelhas que tinha no lugar dos olhos. Mas não regi, recusei-me a ceder. Depois, após mais algumas demandas, mais alguns decretos e uma série de declarações insistentemente enfatizadas, ele apagou.

Na verdade, todos eles apagaram.

De modo que não brilhavam mais, não tinham mais os olhos vermelhos, e um trio de bocas rosadas normais substituíram os buracos negros sem-fim que estavam no lugar havia pouco.

Ali parados diante de mim, pareciam qualquer outro grupo de meninos de dez anos de idade. Bem, exceto pelos apavorantes, completamente inacreditáveis, que eu *queria-que-você-pudesse-ver-com-os-próprios-olhos*, terríveis conjuntos de shorts combinando com meias brancas até o joelho e sapatos pretos envernizados.

Tive esperança de que aquelas fossem as roupas com que haviam sido enterrados, porque se tivessem escolhido aquela combinação por conta própria, bem, não sei se eu seria capaz de superar.

— Por que não está com medo de nós? — perguntou aquele no qual eu começava a pensar como cabeça de morango. Dei de ombros, aproveitando para analisá-lo antes de dizer:

— *Bem*, se faz com que se sinta melhor, no começo eu nitidamente estava. Quer dizer, vocês viram como quase saí correndo. E depois toda aquela coisa do palhaço assassino com as brocas e espátulas... — Estremeci só de lembrar. — Vocês quase me mataram! Mas quando começaram com os monstros, digamos apenas que aquilo matou o jogo. — Sorri e acrescentei: — O trocadilho foi intencional. — E rachei de rir. Mas como eles não me acompanharam, logo continuei: — De qualquer forma, foi isso que aconteceu. A maioria daqueles filmes era de bem antes de minha época, e foi naquele momento que eu percebi.

— Percebeu o quê? — Ele comprimiu os lábios, observando-me daquele jeito repulsivo peculiar a crianças de dez anos.

— Percebi que vocês contavam com o fato de eu estar muito assustada para notar que eu estou no controle... Que sou eu quem permite que o medo vença. E que

minha recusa em alimentá-lo, em deixá-lo assumir, diminuiria seu poder sobre mim... o poder de vocês sobre mim. — Fiz que sim com a cabeça, e, mesmo tentando evitar, não consegui segurar o sorriso triunfante que surgiu em meus lábios. O que pareceu irritá-lo ainda mais. — Sem contar que já estou tão morta quanto vocês, então não há muito que possam fazer para me ferir, não é? — completei.

— Ah, poderíamos fazer muita coisa! Poderíamos... — O louro da esquerda elevou a voz, correu para á frente e balançou o pequeno punho no ar, até o cabeça de morango virar-se e sinalizar com a palma da mão, mandando-o de volta para o lugar dele.

— Não vamos embora, se é para isso que veio. Muitos outros já tentaram, sabe? Acredite, foram muitos mesmo. Mas ainda estamos aqui. Estamos aqui há centenas de anos. Então talvez seja você que deva ir embora, porque não pretendemos parar. E, se continuar insistindo, vai acabar sendo uma grande perda de tempo.

— Talvez sim. — Dei de ombros, puxando um fio solto em uma das almofadas azuis, agindo como se estivesse apenas levemente envolvida naquilo, como se não houvesse nada importante em jogo. — Mas talvez não. — Levantei os olhos até encontrar os dele. — Quer dizer, já lhes ocorreu que talvez vocês é quem estejam perdendo seu tempo? É sério, pensem nisso. Centenas de anos gastos percorrendo pequenos cenários ultrapassados para se divertirem assustando turistas que procuram fantasmas. — Balancei a cabeça. — Centenas de anos na mesma rotina inútil. — Suspirei, fazendo questão de olhar para cada um deles. Só pensar naquilo já me parecia exaustivo e sem sentido. — E posso perguntar o motivo? Qual poderia ser o sentido nisso tudo? E o que exatamente ganham com isso? Sério? Vocês não têm vontade de tirar umas *feriazinhas* ou uma semana de folga?

— Nós tiramos folgas, sim! Trabalhamos em turnos, para seu conhecimento! — gritou o outro lourinho. Com turnos ou sem turnos, eles não conseguiam entender. Não estavam entendendo nem um pouco. Eu passara doze anos inteiros pentelhando minha irmã mais velha até chegar ao cúmulo, *bem*, do *ridículo*. Mas, ainda assim, aquilo não era nada quando comparado ao tempo colossal que eles tinham perdido nos últimos séculos. Aquilo que era desperdício.

— O que estou querendo dizer é... — Apertei a almofada contra o peito por um instante, antes de jogá-la de lado. Certifiquei-me de que tinha a total atenção deles antes de continuar:

— Qual a recompensa? Falando a sério. Por que se incomodar com os olhos vermelhos flamejantes, bocas de buraco negro e... e tudo isso? — caminhei na direção deles, desenhando com o indicador uma linha invisível que ia do alto de seus cabelos cacheados até os sapatos perfeitamente engraxados.

E foi quando o outro finalmente abriu a boca. Parado à direita do cabeça de morango, disse:

— Qual a *recompensa*? — Seus olhos azuis e brilhantes encontraram os meus, e olharam depois para os amigos enquanto gargalhavam entre si. — Fama. É isso. Fama mundial é a recompensa. — Eles balançaram a cabeça e reviraram os olhos, sorrindo com presunção como se eu fosse uma idiota com I maiúsculo.

Estreitei os olhos, sem saber se havia escutado direito. Quer dizer, era impossível que estivessem falando a sério.

— Somos *famosos* — repetiu com a voz tão determinada quanto à expressão em seu rosto. — Temos renome. Pessoas vêm do mundo todo para tentar nos ver por um instante, ter uma chance de nos fotografar, gravar nossa voz, ter um encontro conosco, voltar para casa e dizer aos amigos que sobreviveram a uma noite conosco... — Ele olhou para os colegas e todos caíram na gargalhada. Voltou a olhar em meus olhos e disse: — O que, a propósito, é uma grande mentira, porque ninguém conseguiu passar uma noite inteira neste quarto. Ninguém. Sem exceções. — Sua expressão ficou séria. — E não podemos nos esquecer de todos os livros, artigos e programas de tevê sobre nós. Somos famosos. Superastros internacionais! Há anos. Somos como... somos como os Backstreet Boys, de certo modo... Só que mortos.

Ai. De repente comecei a me sentir mal por eles, não apenas por estarem se iludindo completamente, mas por estarem tragicamente fora de moda. Quer dizer, os Backstreet Boys? Não podiam ter escolhido uma referência mais antiga? Balancei a cabeça e olhei para eles. Pareciam tanto com alguns dos garotos de minha escola, cuja única ambição era serem famosos. Para quê? Não tinham a mínima ideia. Só sabiam que estavam destinados a brilhar.

E a primeira parada era o YouTube.

Passei os olhos por eles. Estavam tão enraivecidos, tão certos de que era verdade aquilo que estavam dizendo, que soube que teria que encontrar um jeito de lhes contar.

Limpei a garganta, respirei fundo apenas pela força do hábito e disse:

— *Hmmm*, odeio ter que dizer, mas vocês não são nada parecidos com os Backstreet Boys. Por sinal, como conhecem esse grupo? Vivem em um castelo no meio do nada...

Eles ficaram me encarando. Uma frente unida de conjuntos brancos, meias até os joelhos e bochechas rosadas indignadas.

— Você não é a primeira pessoa que remexe nos pertences dos outros, sabia? Temos acesso a computadores, já vimos um ou dois iPods — disse o menor dos garotos louros, enquanto os colegas relinchavam de rir, aproveitando para fazer um gesto negativo com a cabeça.

— Só porque *vivemos em um castelo no meio do nada*, isso não significa que não conhecemos as mesmas coisas que você — acrescentou o cabeça de morango.

Confirmei. Não imaginava que diriam isso, tenho que admitir. Pensar que qualquer fantasma teria contato o suficiente com tecnologia para conhecer boys bands da última década, e ainda assim optasse por se vestir daquele jeito, isso estava além do meu entendimento. Mas veja Bodhi — um skatista quase profissional que por algum motivo se vestia como um bobo. As pessoas eram complicadas; as vivas e as mortas, disso eu tinha certeza.

— Certo. Certo. O erro foi meu. Desculpem-me, fiz um julgamento errado de seu conhecimento de música pop. Mesmo assim, desculpem-me por dizer, mas vocês não se parecem em nada com os Backstreet Boys. A verdade é que milhões de pessoas no mundo todo os amavam, e, bem, quantas pessoas amam vocês?

Observei-os trocar olhares desconcertados. Seus pensamentos eram de confusão e desespero, como um ruído vibrante que tomava todo o quarto.

Então o cabeça de morango balançou a cabeça com firmeza, determinado a reassumir o controle, e disse:

— Não deem ouvidos a ela. Nada disso é verdade! Ela está tentando nos confundir. É parte da missão dela, ou o que quer que tenha vindo fazer aqui. — Ele me lançou um olhar mordaz quase tão ruim quanto da vez que tinha chamas nos olhos. — A questão é: talvez eles não nos amem, exatamente, mas amam sentir medo de nós. Pessoas vêm de todas as partes do mundo só por *nossa causa*! Sem a gente, o Castelo Warmington estaria arruinado! Ninguém o visitaria. Certamente teria que fechar. — Os dois lourinhos confirmaram. Era um par de cabeças se sacudindo, uma de cada lado.

— Talvez sim, talvez não. — Franzi a testa, ciente de que poderia muito bem ser verdade, embora fosse praticamente irrelevante. — Mas o que isso tem a ver com vocês? Ganham uma porcentagem dos lucros? Alguém agradece por serem trabalhadores voluntários aqui? Por todo o tempo que perderam, por todas as longas horas que gastaram... Qual a recompensa? É sério, já passou pela cabeça de vocês que estão sendo usados? Que estão tirando vantagem de vocês da pior maneira possível? Vocês deram um novo sentido ao termo turno da *madrugada*. E, é sério, tirando as questionáveis alegações de fama, o que estão ganhando com isso?

Eles olhavam uns para os outros, sussurrando em pensamento e formando um turbilhão de estática e som.

— Vejam bem — eu disse, alisando a saia enquanto me levantava e me aproximava deles —, o negócio é o seguinte... Sei que têm medo de não serem ninguém, ou de serem invisíveis... de ninguém lembrar que um dia existiram. E, acreditem, sei exatamente como se sentem, porque quando eu ainda estava viva, tinha medo exatamente disso. E joguei fora tanto tempo, a vida toda, na verdade, seguindo minha irmã mais velha, tentando ser como ela. Para mim, ela era importante, muitíssimo importante. Ela era bonita, popular e, bem, era alguém especial. E eu tinha certeza de que se pudesse ser como ela, imitá-la direito, então poderia ser especial também. Mas a verdade é que tentar ser como Ever não me tornou importante ou especial... Apenas uma maria vai com as outras irritante. E também uma menina um pouco pentelha.

Olhei para cada um deles, esperando que minhas palavras estivessem começando a penetrá-los de alguma forma.

— Só estou tentando dizer que vocês têm escolha. Podem permanecer aqui e continuar assustando as pessoas, ou seguir para um lugar... — Hesitei, não queria mentir e dizer que era melhor, já que eu sabia que não era totalmente verdade. Mas precisava dizer algo, e falei: — Um lugar *novo*. E... *diferente*. E muito mais empolgante do que qualquer coisa que haja por aqui. — Movimentei-me pelo quarto, tão revirado que parecia que uma partida de rúgbi havia acontecido ali, lembrando-me das materializações, das praias, dos cenários lindos e em constante mudança de Aqui & Agora, pensando que a maior parte do discurso era verdade. — Realmente acho que gostarão de lá. Só precisam dar uma chance. — Parei logo depois de

pronunciar aquelas palavras e fiquei pensando se a última parte do conselho não se aplicava a mim também.

— Mas e se não gostarmos de lá? E se chegarmos lá e concluirmos que odiamos o lugar e que preferíamos estar aqui?

Olhei para eles, tentada a mentir para acabar logo com aquilo. A dizer que não sentiriam falta do plano terreno, nem um pouquinho, nem por um minuto.

Mas não podia.

Não podia enganá-los dessa forma.

Então, em vez disso, olhei nos olhos de cada um deles e disse:

— A verdade é que vocês sentirão, sim, falta daqui. Receio que não haja escapatória, é praticamente certo. Mas, se fizerem tudo direitinho, podem voltar para uma visita. Vejam meu caso: estou aqui, *não estou?* Sem contar todos os outros que vieram falar com vocês antes de mim. E então, o que me dizem? Estão prontos para uma aventura? Querem tentar algo novo, para variar?

Eles se viraram uns para os outros e conversaram. Não se apressaram em discutir a fundo, ponto a ponto, e depois voltaram-se para mim. O cabeça de morango tomou a dianteira mais uma vez e perguntou:

— Agora é a hora que você faz a luz aparecer?

Eu apenas ri, balançando a cabeça, e falei:

— Não, bobo. Agora é a hora em que os levo até a ponte.



Se eu tivesse uma daquelas câmeras especiais como à da senhora caça-fantasmas, usaria para tirar uma foto da cara de Bodhi quando saí do quarto azul com uma fila de Garotos (não tão) Radiantes atrás de mim.

— E agora? — perguntei enquanto eles perambulavam por ali. Estreitei os olhos e fiz um gesto de reprovação para Buttercup, que havia corrido em minha direção e lambia meus dedos, olhando para mim com aqueles grandes olhos castanhos, desesperado para que eu o perdoasse por ter me deixado sozinha, e tentando ficar de bem comigo novamente. — Como os levamos para a ponte?

Mas Bodhi não respondeu.

Estava sem palavras.

Alternava o olhar entre eles, contando e recontando na cabeça, obviamente surpreso cada vez que a soma resultava em três.

— Como você...? — Ele balançou a cabeça e tirou os óculos, esfregou os olhos e piscou várias vezes, e depois os colocou de volta e piscou algumas vezes mais.

— Não importa como fiz, apenas me diga como levar os meninos até a ponte antes que eles amarelem e mudem de ideia — disse, recusando-me a revelar meus truques. Pelo menos não enquanto ainda estivesse aprendendo o caminho das pedras.

— Quem você está dizendo que vai amarelar? — perguntou o cabeça de morango, fazendo a boca e os olhos ficarem assustadores novamente, de um modo que fez Buttercup ganir e Bodhi quase cair do corrimão.

Mas olhei bem para ele e disse:

— *Você*. Estou dizendo que você vai amarelar. Aposto dez paus que você e seus amigos vão chorar como bebês e se recusar a atravessar a ponte.

— Esqueceu que dinheiro não tem valor para nós? Ou talvez não tenha esquecido. — O cabeça de morango ergueu uma sobrancelha e sorriu intencionalmente. — Não precisa nos enganar, você sabe. Seu discursinho já foi bastante convincente.

— É sério? — Tentei conter o sorriso, mas não consegui. Não consegui conter o orgulho de mim mesma e deles, por terem feito a escolha que fizeram. — *Bem*, na verdade vocês também me ajudaram. — *Tanto quanto três garotos de dez anos podem ajudar uma menina mais velha e mais sábia de doze anos*. — Então, obrigada.

— De nada — disse o cabeça de morango, soando maduro para a idade. — E, só para constar, temos quase onze anos. Ah, e meu nome não é cabeça de morango. —

Ele olhou em meus olhos, mas felizmente não guardava rancor. — É Hans. E esses são Dieter e Wolfgang. — Ele apontou para os irmãos louros. — Somos trigêmeos, e eu sou o mais velho... por setenta segundos.

Fiz um gesto de reconhecimento, sentindo-me mal por ele ter lido meus pensamentos. Eu realmente teria que me policiar se quisesse fazer amigos na pós-vida.

— E então? Onde é essa ponte? — perguntou Wolfgang, com os irmãos atrás dele, obviamente ansiosos para a próxima aventura.

Bodhi passou o canudo para o outro canto da boca, completamente recuperado do choque de ver os garotos, e disse:

— Certo, agora todos de mãos dadas. E Riley, segure-se em Buttercup, e vamos todos imaginar um véu cintilante de luz dourada suave.

A viagem a Summerland foi rápida. Tão rápida que não deu tempo de olhar a paisagem, de falar com os amigos, nem de rever minhas assombrações favoritas.

Foi como se em um minuto estivéssemos passando pela névoa dourada, aterrissando exatamente ao pé da ponte e dando adeus aos Garotos Radiantes, e no outro estivéssemos de volta ao local de onde saímos: parados no longo corredor do Castelo Warmington. Olhei para Bodhi e perguntei:

— Acha que eles se encontrarão com alguém? Talvez a mãe? Ou já se passou muito tempo para isso?

Mas Bodhi apenas deu de ombros, ignorando minha pergunta de um modo tão esquivo, tão desinteressado, que fiquei imediatamente irritada. Quero dizer, algum crédito seria bom.

Alguns: *Muito bem! Bom trabalho!* Ou até mesmo um cumprimento de mãos bastava.

Mas *nããããã*.

Além de mal reconhecer a tarefa monumental que executei, ele também conseguiu nos levar de volta ao local onde começamos, que não era nem um pouco perto de Londres, nem de uma pista de decolagem.

— Qual é? — Fiz cara feia, perguntando-me por que ele nos fizera voltar até ali.

Havia feito o que me pediram para fazer, completado a tarefa e livrado com sucesso aquele lugar de seus fantasmas — de todos os três, por sinal. E, a meu ver, agora que havia ganhado a aposta, era hora das lições de voo e de minha viagem a Londres.

Estava determinado nos termos de nosso acordo.

Simples assim.

E eu não deixaria Bodhi encontrar nenhuma brecha para tirar o corpo fora de nosso acordo.

Nem pensar em deixá-lo fazer algo tão injusto.

Mas Bodhi olhou para mim com os ombros arqueados, o olhar encabulado, canudo verde balançando para cima e para baixo entre os dentes, e disse:

— *Hmmm*, posso não ter mencionado antes, mas há mais. Só mais uma coisa para resolvermos, e então daremos o fora daqui. Prometo.

— O que quer dizer com *mais uma coisa*? — Apoiei as mãos nos quadris e garanti que tanto meu rosto quanto minha voz mostrassem como eu estava furiosa. — Não pode simplesmente aumentar as atribuições de minha função desse jeito! *Não é justo!* Fiz exatamente o que deveria e terminei bem rápido, modéstia à parte. Então, por que o adiamento? Vamos logo! É sério. Vamos indo! Quero estar sobrevoando o rio Tâmisia quando o sol nascer... senão...! — Fiz cara de raiva, sem a mínima ideia do que quis dizer com senão, mas disse mesmo assim. Além disso, o que era justo era justo, e eu estava determinada a provar que as regras preestabelecidas não só haviam sido obedecidas, como também cumpridas.

Fiquei um tanto quanto confusa quando Bodhi olhou para mim e disse: — Dessa vez não é para você, Riley. É para mim.



Bodhi, meu guia/professor/treinador/conselheiro/chefe, aparentemente tinha seu próprio guia/professor/treinador/conselheiro/chefe, que não estava muito animado com o trabalho que ele havia realizado até então. Mesmo que no início do dia ele tenha sido chamado ao palco para uma espécie de cerimônia de formatura, conforme descobri depois, ele ainda tinha muito mais a realizar.

Muito mais para conseguir corresponder ao esperado... por assim dizer.

Pelo menos foi à essência do que consegui entender da ladainha incoerente de seus resmungos confusos, vagos e propositadamente ambíguos. Ele guardava para si todo e qualquer detalhe e recusava-se a compartilhar algum comigo.

E, acredite, tive sorte por ter me dado alguma informação. Porque quando comecei a insistir que dissesse mais, querendo saber quem era exatamente seu guia, se era um dos membros do Conselho, ou talvez outra pessoa, e qual eram exatamente as atribuições de seu cargo, e o que era esperado de um guia, e quais eram as consequências para aqueles que não conseguiam cumprir suas tarefas, o que aconteceria com ele se não fosse capaz de me ajudar a aprender, crescer e me aprimorar, ele se fechou.

E quando continuei a pressioná-lo a respeito do que eu real mente queria saber, que era o motivo de estar agindo de modo tão estranho só de pensar na tarefa que o aguardava, ele simplesmente se afastou.

Ficou calado, recusou-se a falar e me deu as costas.

Baixou a cabeça e ficou em silêncio.

Recusou-se a revelar mais do que já havia dito.

E quando desisti das perguntas e decidi oferecer ajuda (tudo para chegar a Londres até o amanhecer, imaginei), ele simplesmente negou com a cabeça e disse:

— Essa tarefa é toda minha. É imprescindível que eu faça tudo sozinho.

Ótimo. Fechei a cara quando dei uma olhada no relógio de pêndulo na entrada, ciente de que se essa tarefa, qualquer que fosse, levasse mais ou menos o mesmo tempo que a minha, eu não chegaria a Londres até o cair da noite, se chegasse.

— Ouça. — Sorri, sabendo que minhas motivações não eram exatamente puras, eram em causa própria, e nunca poderiam ser confundidas com um gesto altruísta, mas ainda assim prossegui: — Sou uma estagiária, certo? E seu trabalho é... *bem...* me treinar, não é?

Ele assentiu daquele jeito esquivo de sempre, balançando a cabeça para á frente muito discretamente, mas foi o suficiente para que eu traduzisse como um sim, ao menos para facilitar as coisas e poder continuar.

Corri para o seu lado e o vi mastigando o mesmo canudo amassado enquanto eu disse:

— Então, com isso em mente, não há melhor forma de me treinar do que me deixar assistir ao mestre... ou seja, você... em ação. O que pode ser melhor para eu aprender algo novo do que ver de perto como é feito? E talvez, apenas talvez, colocar um pouco a *mão na massa*? Mas apenas se eu tiver sua permissão, é claro — acrescentei rapidamente, ao ver o modo como seus lábios se curvaram para baixo severamente quando cheguei à última parte. — E então? Diga-me o que acha. Certamente seu guia não poderá criticá-lo por isso, por me deixar vê-lo fazer seu trabalho e completar a tarefa.

Bodhi olhou para mim, certamente pesando os prós e os contras. Depois, olhando de soslaio para o longo corredor, suspirou e disse:

— Está bem. Mas se lembre de que foi você quem pediu.



Ele nos conduziu pelo corredor, para bem longe do quarto azul, onde eu havia executado minha tarefa, e fomos escadaria abaixo, atravessamos um grande vestíbulo e subimos outro lance de escadas, que levava a um segundo longo corredor, um lance menor de escadas, e um corredor bem estreito com uma pequena porta no final que exigiria que a maioria das pessoas se abaixasse para passar, mas não nós, e subimos mais alguns degraus até, finalmente, entrarmos em uma das torretas. Uma daquelas torres pontudas que há em todos os melhores castelos e que eu sempre quis ver por dentro.

No entanto, assim que corri para a porta, ansiosa para materializar longos cabelos louros para ter meu tão esperado momento de Rapunzel, Bodhi esticou o braço na frente, impedindo-me de ir adiante, e disse:

— Está certa disso?

Por favor. Tentei não revirar os olhos em sua frente. Eu havia acabado de enfrentar três irmãos radiantes que brilhavam, com órbitas vermelhas no lugar dos olhos e bocas profundas e escuras, e ele queria saber se eu daria conta? Quer dizer, é sério, era quase insultante. O quão ruim poderia ser?

— Não precisa ter vergonha de ter medo — disse ele, analisando-me com cuidado, ainda mastigando aquele canudo idiota, deixando-o imprestável. — Não é vergonha nenhuma. É perfeitamente natural, e eu não a julgarei se decidir desistir enquanto ainda pode. Já provou do que é capaz. Entrou lá e conseguiu fazer o que muitos antes de você não conseguiram. Sabe, você é bem impressionante, Riley Bloom. É a melhor Apanhadora de Almas que eu já vi, e hoje é apenas seu primeiro dia em campo! Mas essa tarefa é minha, não sua. Acredite, há um motivo para isso.

Não pude evitar. Para alguém com tendência a correr atrás de todos os elogios possíveis, eu na verdade não era tão boa para recebê-los. E depois que ele disse tudo aquilo, meus olhos começaram a arder e senti um nó na garganta. Só consegui assentir com a cabeça e desviar o olhar. Fiquei envergonhada e constrangida com o elogio.

— Certo — eu disse com a voz rouca, quase sussurrando. — Mas pelo menos me deixe tentar, por favor. Estou ansiosa por aprender o máximo possível.

Ele olhou para mim, e seus olhos buscaram meu rosto antes de fazer um sinal de consentimento. Assim que ele abriu a porta, eu ouvi.

Na verdade, todos ouvimos.

Incluindo Buttercup.

Um tipo de som baixo, como um terrível gemido ou lamento.

O som do desespero.

O som de alguém tão perdido em seu sofrimento que não conseguia mais agir, que não podia fazer nada além de emitir um som parecido com o da morte.

Era contínuo. Incessante. Repetia-se de um modo que parecia durar para sempre.

De um modo que realmente me deixou apavorada.

Bodhi olhou para mim e eu para ele, nossos olhares se sustentaram por um instante antes de ele deslizar em minha frente e começar a subir os degraus estreitos, enquanto Buttercup e eu o seguíamos com dificuldade.

E quando chegamos ao topo, eu a vi. Embora tenha que admitir que levei certo tempo para conseguir focar e dar um close na direção exata de onde vinha o barulho. Porque embora isso soe estranho, era como se ela fosse tão velha, tão cinzenta, tão sem cor, e tão desbotada, que praticamente se fundia com aquelas paredes velhas, cinzentas, sem cor e desbotadas.

Como se estivesse havia tanto tempo naquela sala que começara a se parecer com ela. A se tornar parte dela.

Como uma peça maciça de mobília que nunca foi tirada do lugar. Cheguei para trás, encostando-me na parede do outro lado, enquanto Bodhi se aproximou dela. Sabia que se eu ainda estivesse viva, teria perdido o ar de tanto horror só ao pensar no que aconteceria em seguida.

Mas, mesmo assim, fiquei paralisada. A energia que normalmente existia na morta e fantasmagórica nova versão de mim se esvaiu completamente assim que entrei naquele lugar, com Buttercup abaixado a meu lado.

Bodhi se aproximava cada vez mais, mas a mulher continuava total e completamente alheia à presença dele, desatenta a nossa entrada no recinto.

Ela permaneceu ali, tão pressionada contra a parede, sem contorno, que era como se fizesse parte dela. Aparentava ser pequena e estar em boa forma física, tinha as costas curvadas e os ombros estreitos arqueados para frente. Levantava-se apenas quando era tomada por um espasmo de novas lágrimas, e depois curvava-se novamente, ficando ainda mais caída que antes. O vestido longo de algodão aderiu a seu corpo, formando uma série de protuberâncias empapadas que não a favoreciam em nada, tudo nela era tão insípido, tão apagado, tão indefinido, que a única coisa que se destacava, a única coisa com alguma cor eram seus cabelos. Eram longos, ondulados e escuros, presos em um coque despenteado que mal se segurava com dois grampos com pérolas na ponta.

Nós três observávamos enquanto ela continuava ali parada, olhando por uma pequena janela quadrada, sofrendo por algo que nenhum de nós conseguia entender, muito menos ver.

Ouvíamos o lamento ininterrupto, recusando-se a dar uma trégua por ao menos um segundo. Continuava, continuava, e o som era tão doloroso, tão desconcertante, tão perturbador, tão confuso, que até Buttercup afundou no chão, apoiou o queixo no piso de pedra e colocou uma pata sobre cada orelha em uma tentativa desesperada de evitá-lo.

Sinceramente, assim que vi aquilo, *quase* fiz o mesmo. Fui interrompida por Bodhi, que olhou por cima do ombro, a fim de ver como estávamos. Eu não queria que ele soubesse como eu estava assustada e perturbada, então acenei para ele, agitando os dedos de um modo que indicava que ele não precisava se preocupar conosco, que podia continuar com seus afazeres. Sabia que quanto antes ele acabasse com aquilo, mais rápido poderíamos ir embora daquela pequena e sufocante prisão de pedra.

Apenas alguns segundos na presença dela e acabaram meus sonhos de Rapunzel, sem mencionar a fascinação que tinha por castelos e torretas e todas as coisas do tipo. Era terrível, pequeno, escuro, sombrio, úmido e completamente claustrofóbico até para aqueles que não respiravam mais, e eu não conseguia imaginar por que alguém escolheria passar uma fração que fosse da pós-vida em um lugar tão horrível, muito menos acampar aqui por centenas de anos.

A lógica de alguns fantasmas estava muito além de meu entendimento.

Muita coisa não fazia o menor sentido.

Bodhi falou com ela, chamando-a gentil e calmamente, e, embora eu não pudesse entender as palavras, estava claro que ele estava tentando chamar sua atenção, ganhar sua confiança e convencê-la a se virar e encará-lo. Ele chegou a tirar os óculos ridículos que usava e colocá-los no bolso interno. Mas eu não soube ao certo se foi para que ele pudesse vê-la melhor, ou para que ela pudesse vê-lo melhor — se, é claro, decidiu se virar.

Mesmo ficando um zilhão de vezes melhor sem eles, o ato em si foi um passo gigante para longe da nerdice total e um passo pequenino na direção de, bem, o oposto da nerdice — no final, não fez diferença alguma, pelo menos não para ela.

Ela continuou no lugar, arraigada em seu posto. Ainda chorando, ainda olhando pela janelinha.

Alheia.

Desinteressada.

Tão perdida em seu sofrimento, que não se deu conta de que tinha companhia.

E ao vê-la continuar daquele jeito, eu não conseguia deixar de imaginar se nunca se cansava daquilo.

Se alguma vez parava por alguns minutos, fazendo um intervalo para pelo menos secar os olhos, ou assoar o nariz antes de começar tudo de novo. Mas logo descobri que sim.

E aqueles lamentos foram substituídos por algo muito pior.



Fla virou-se.
Ela virou-se e olhou diretamente para nós.
Pelo menos foi o que aparentou a princípio.

Mas pouco antes de eu começar a me afastar, pouco antes de me encolher de terror, tentar agarrar Buttercup e fugir de lá para nunca mais voltar, notei que ela não estava *realmente* nos enxergando.

Era mais como se estivesse olhando em nossa direção, mas focada em si mesma, incapaz de ver qualquer coisa ao redor além das imagens que repetia várias e várias vezes na própria cabeça.

E quando inconsciente e involuntariamente meus olhos encontraram os dela... foi tudo o que pude ver também.

Desmorenei no chão, lamentando, choramingando, com a sensação de que eu havia sido desligada da tomada, de que meu pavio havia se esgotado e minha lâmpada tinha acabado de queimar. Toda a minha energia fora drenada. Meus braços circundavam meu corpo instintivamente, tentando me proteger de sua dor, seu medo, sua perda, sua completa e total agonia... Mas não adiantou. Eu só queria gritar, juntar-me a ela no coro de lamentação, gemer, lastimar e suplicar a meu próprio modo, terrível, infinito e incessante. Minha garganta, porém, estava muito fechada, muito quente, não permitia que nada entrasse, muito menos saísse.

E apesar de Bodhi ter tentado me proteger, levantando os braços para que eu não pudesse vê-la, era tarde demais.

Tarde demais para desviar o olhar.

Tarde demais para fazer qualquer coisa além de continuar a encará-la até ficar completamente imersa em seu mundo.

Só Buttercup foi esperto o suficiente para colocar as patas sobre os olhos e bloquear aquela visão.

Passei os olhos por ela e notei que mesmo para um fantasma era tão inacreditavelmente pálida que os fios escuros dos cabelos que escapavam do coque espalhavam-se pelo rosto como a silhueta de galhos de árvores em meio a uma tempestade inesperada de neve tão branca de ofuscar a visão. Enquanto isso, seu vestido, liso e de gola alta, era feito de um tecido que claramente já fora preto, mas que depois de séculos sendo lavado por um dilúvio infinito de lágrimas salgadas havia desbotado até descolorir e ficar da mesma cor das paredes. Mas o fluxo constante de sofrimento arruinara ainda mais seu rosto que o tecido, corroendo-o de modo a

formar uma série de fendas profundas e ásperas onde antes haviam as maçãs do rosto, e abrir vales e desfiladeiros sem-fim onde deveriam estar o nariz, os lábios e o queixo. Aquilo, de um modo estranho e mórbido, fez eu me lembrar de uma viagem que minha família fizera ao Grand Canyon, em que meu pai explicou a mim e a Ever como a ascensão e a queda da água, o balanço e a calmaria contínuos, tinham o poder de polir, esculpir e destruir completamente partes da rocha, como um cinzel bastante afiado.

A única parte de seu rosto que se podia identificar remotamente era o espaço onde deveriam estar os olhos.

Anos de lágrimas incessantes os haviam desgastado até que não sobrasse nada além de duas poças profundas e escuras, cheias de águas turvas e negras que me sugaram imediatamente, e então me vi girando, sendo puxada cada vez mais fundo — como água escorrendo por um ralo, água de chuva descendo para uma calha, eu estava caindo, caindo, e não havia como impedir.

Não havia como voltar.

Não havia como me poupar do pesar sem-fim.

Eu estava me afogando.

Lutava para manter a cabeça fora da poça escura e nebulosa de águas turbulentas, oleosas e agitadas que se revolviam a meu redor. Eu tossia e piscava, fazendo de tudo para inclinar a cabeça para trás e flutuar, lembrando-me de relaxar, de manter a calma, pois o pânico só pioraria a situação. Recorri a tudo o que já havia aprendido nas aulas de natação e de salva-vidas júnior, desesperada para evitar que as águas inundassem meus pulmões, mesmo sabendo lá no fundo que eles não existiam mais.

Mas era tarde demais.

Apesar de minhas tentativas, apesar de minhas pernas continuarem a chutar, apesar de minhas mãos agarrarem e arranharem, não consegui dominá-la. Eu estava sendo puxada. E para alguém que alguns instantes antes nem respirava, de alguma forma eu sabia que toda a minha existência, sem mencionar minha sanidade, dependia de que eu aguentasse firme, adotasse a respiração que agora borbulhava em minhas bochechas e não desistisse, não importava o que aconteceria comigo.

E exatamente quando tive certeza de que não aguentaria mais, apareceu à mão do nada, vindo diretamente em minha direção, enquanto uma voz chamou meu nome.

Uma voz que reconheci imediatamente como a de Bodhi.

Estiquei os dedos na direção dos dele e bati as pernas com força, desesperada para dar um impulso para cima, vagamente ciente de seus dedos ao redor de meu pulso, dando um belo e firme puxão que me arrancou da água e me levou para onde havia oxigênio, ar e espaço para respirar.

Arfei com dificuldade e cuspi água, piscando para expulsar aquele líquido grosso e oleoso dos olhos, e vi Bodhi flutuando diante de mim, movendo freneticamente os lábios ao dizer:

— Você precisa parar de olhar. Agora! Vire-se para a parede, e ela não terá escolha além de soltar você. É o único jeito! Vamos, Riley, faça isso agora! Por favor.

Mas eu não consegui.

Não me virei para a parede.

E se me perguntar o motivo, bem, na hora eu não teria uma resposta.

Acho que algumas ações são automáticas.

Instintivas.

Algumas coisas a gente simplesmente faz, apesar de todo o nosso ser estar gritando contra.

Algumas coisas simplesmente não fazem sentido na hora. Só depois.

Bem depois.

E aquela, como logo viria, a saber, era uma dessas coisas.



Bodhi estava furioso. Furioso de verdade. Ele apertou os olhos e, encarando-me, gritou:
— Droga, Riley, sou seu guia, o que significa que tem que fazer o que eu digo!

Logo depois ele continuou:

— É *exatamente* por isso que não queria trazê-la aqui. Essa é minha tarefa, não sua. Sou o único que pode cuidar disso. Então, pela última vez, por favor, estou implorando, *vá embora!*

Mas mesmo depois de tudo isso, eu ainda não parara de olhar. Apenas fiquei ali, imóvel no lugar, flutuando, esforçando-me para manter a cabeça fora da água enquanto o mar ao meu redor finalmente se acalmava, feliz porque meu cão teve o bom-senso de ficar de fora dessa também, esperando pacientemente pelo final.

— O que está acontecendo? — perguntei, minha voz soava baixa, assustada e carente de uma forma que me deixava constrangida e o irritava. — E onde exatamente estamos agora? Não entendo.

Bodhi olhou para mim, com o cabelo úmido e grudado no rosto. Ele perdera o casaco na correnteza, e eu não conseguia deixar de torcer para que os óculos de nerd tivessem ido junto.

— Estamos no mundo dela agora — ele disse, com a voz resignada, parecendo um suspiro, claramente cansado de discutir comigo. — E é um lugar perigoso. Não é lugar para crianças, e com certeza não é lugar para quem não tem coragem. Então, *por favor*, se vai se recusar a fazer o que peço, se vai se recusar a ir embora e a ficar a salvo, então pelo menos fique quieta. O mar deve se acalmar agora. Calmo o bastante para que eu a deixe sozinha aqui. Mas estou avisando, Riley, não importa o que venha a acontecer, não importa o que você veja ou ouça, não vá até a rocha. Não importa quanto à situação possa parecer terrível, você está muito mais segura aqui. Então, por favor, apenas faça o que digo e não saia daqui de jeito nenhum. Não se envolva, não importa quanto às coisas possam ficar ruins. Tudo bem? Pode fazer isso por mim?

Concordei com a cabeça. Não tinha certeza se conseguiria mesmo ir em frente e manter uma promessa como aquela, especialmente se as coisas de fato ficassem feias como ele parecia achar que ficariam. Sem dizer que se a água ficasse novamente maluca e agitada e assustadora, a rocha seria o primeiro lugar para o qual eu iria. Mas, como eu sabia que ele precisava que eu concordasse, para poder seguir com a

tarefa, garanti que estava de acordo, ainda que não estivesse certa de que conseguiria manter a promessa.

Observei enquanto ele flutuava para longe, atravessando a correnteza com a facilidade de um peixe, e depois subia no que parecia uma ilha pequena e solitária em algum lugar na imensidão, mas que, a um olhar mais atento, revelava-se uma rocha enorme e recortada, que se projetava para fora do mar.

E foi então que eu vi.

E estou muito certa de que ele também viu, no mesmo instante que eu. No exato segundo em que ele subiu e ficou a salvo, ambos observamos, cada um de seu lugar, a causa exata do tormento que a dama fantasma sentia nas últimas centenas de anos.

Ela era uma assassina.

Uma matadora de crianças.

Ou pelo menos era o que todos disseram.

Ela foi equivocadamente acusada de ter cometido um dos piores crimes que uma pessoa poderia cometer: o assassinato dos próprios filhos.

Seus três filhos amados, que imediatamente reconheci como os Garotos Radiantes de cabelos dourados com quem encontrara instantes antes.

O único problema: ela era inocente. Não fizera nada nem parecido com aquilo.

Era simplesmente uma pobre mãe viúva que teve que cuidar dos filhos, sozinha, forçada a encontrar um emprego no castelo e revelou-se ingênua e inocente a ponto de confiar na pessoa errada para tomar conta de suas crianças enquanto estava ausente.

Um cavaliço que prometera levá-los a uma suposta viagem de pescaria, em vez de colocar iscas em anzóis, matou-os todos afogados. Depois, fez uma bela limpeza e plantou evidências suficientes para fazer parecer que fora ela quem cometera o crime, e então desapareceu tão repentinamente quanto tinha surgido, e nunca mais foi visto nem jamais se teve notícias a seu respeito.

E depois de ser julgada e condenada à morte, ela deu uma olhada para o véu dourado de luz brilhante que conduzia à ponte, viu como ele reluzia intensamente, tremulava e chamava por ela, oferecendo conforto, e amor, e compaixão, e perdão — todas as coisas que por muito tempo lhe foram negadas —, e em vez de juntar-se a ele, em vez de buscar o conforto que só ele poderia conceder-lhe, virou as costas e escolheu ir para longe. Subjugada por seu devastador pesar, por sua culpa insuperável, convencida de que teve grande participação naquilo tudo, por ter feito o bastante para mantê-los a salvo, retornou ao local onde recebera a notícia.

Ao lugar no qual ficara a procurar por eles, esperando seu retorno.

E de repente, *de uma hora para a outra*, eu soube exatamente onde ambos estávamos.

Não era bem na cabeça da mulher que estávamos, como pensara no começo. Nem acomodados em um assento no meio da primeira fila, assistindo às memórias que ela guardara no coração partido e machucado.

Não!

O lugar onde estávamos, Bodhi e eu, era a parte mais obscura de sua alma.

Um lugar que ela isolara do mundo havia muito tempo. O lugar em que se condenara a ficar. Um aprisionamento autoimposto durante os últimos séculos.

E então, quer gostássemos, quer não, tínhamos nos juntado a ela. Estávamos ali presos com ela.

E não tive escolha, a não ser assistir, enquanto Bodhi se apoiava na rocha com firmeza, mantendo os braços bem-estendidos, a cabeça inclinada para trás e a boca aberta, enquanto começava a absorver tudo aquilo.

Estava determinado a engolir tudo, cada pedacinho do terrível pesar que a mantivera acorrentada ao plano terreno por centenas de anos.

Determinado a reivindicar aquilo.

A tirá-lo dela e a transformá-lo em algo seu.



O corpo de Bodhi pinoteou entrando em convulsão, os olhos se reviraram. Mas quando comecei a nadar em sua direção, ele imediatamente me impediu. Ergueu repentinamente a palma da mão, como se me advertisse, e me mandou ficar afastada. Telepaticamente, lembrou-me da promessa que fizera: eu ficaria no meu lugar, não importa quanto as coisas ficassem feias. Esse trabalho, em particular, era dele, e era melhor que não me aproximasse nem interferisse de nenhuma forma.

Então recuei, e ao observar como todo ele continuava a sofrer espasmos, percebi que não lutava exatamente contra aquilo, como eu pensara no começo. Não estava enfrentando o arrebatador tsunami de sofrimento absorvido.

Ele lutava contra *ela*.

Contra sua recusa em libertar-se do sofrimento.

Em cedê-lo a ele.

Sua recusa em livrar-se de seu fardo e seguir em frente.

Era como se, por ter ficado tanto tempo naquela janela, gastado tantos anos entre choros, lamentações e lamúrias, até exaurir o coração que já não tinha, ela já não pudesse se lembrar de mais nada.

Seu sofrimento tinha passado a defini-la.

Sem ele, ela temia a possibilidade de deixar de existir, de desaparecer completamente.

Sem ter consciência de que justamente o desaparecimento seria, na verdade, melhor para ela.

Sem dúvida, sua versão antiga, triste, sumiria sem deixar vestígios, mas só assim uma nova versão, melhorada e mais alegre, poderia encontrar uma nova vida do outro lado da ponte.

Observei enquanto a luta continuava, sabendo que não tinha o direito de interferir, que isso era proibido, que Bodhi não permitiria. Mas, ainda assim, não significava que não poderia envolvê-lo com *esperança*. Imaginei uma cor que era o mais belo e radiante tom de rosa, transformei-a em uma bolha gigante e resplandecente e o envolvi com ela, enquanto mantinha firmemente o desejo.

Estava ansiosa para que aquilo acabasse, para que Bodhi encontrasse força suficiente para tirá-lo dela, salvá-la daquele pesar, e então ela poderia ser livre.

E todo o tempo tentava não pensar no que poderia acontecer a ele depois que absorvesse aquela tristeza.

Para onde ela iria?

Ele seria forçado a ficar no lugar dela naquela janela, lamentando-se pelos próximos séculos?

Ou encontraria uma forma de processar a tristeza, de transformá-la?

De tratá-la, como fazemos com o esgoto e o lixo e outras coisas nojentas. Recondicioná-la, de forma que deixasse de ser tóxica, que viver com ela não fosse mais tão completamente destrutivo.

E se ele não conseguisse processá-la, tratá-la de alguma forma, então, o que seria de mim?

Será que algum dia encontraria um meio de sair daquele mar sem fundo?

Ou seria forçada a ficar naquela água negra e oleosa pela eternidade sem fim?

Mas, ainda assim, apesar de todos esses pensamentos que inundavam minha mente, mantive minha promessa — e continuei no meu lugar. Agarrei-me com força àquela vibrante bolha rosa de *esperança*, enquanto movimentava as pernas e fazia semicírculos na água com os braços. Eu observava enquanto Bodhi continuava a travar aquela verdadeira batalha, empenhado no combate entre sua luz e a alma sombria e carregada daquela mulher.

Sacudindo-se e tremendo, ele se esforçava para consumir toda a dor que ela sentia, enquanto eu sussurrava para mim mesma, repetidas vezes, que tudo ficaria bem. Que a luz sempre vence no final. Em todos os meus livros, filmes e programas de televisão favoritos, era exatamente isso o que sempre acontecia.

Só que aquilo tudo era muito real.

E, gostando ou não, eu e Bodhi estávamos presos ali juntos, nossas eternidades dependiam de como essa coisa terminaria.

Fechei os olhos, dominada pela exaustão, e sem desejar ver mais nada. No entanto, ainda me apegava à *esperança* — de que isso pudesse ajudá-lo um pouquinho, de alguma forma aceitável.

Esperança de que ela cedesse, desistisse do sofrimento e seguisse em frente.

Esperança de que Bodhi se mantivesse seguro e forte, e continuasse a lutar.

E, quando dei por mim, tinha acabado.

Ou pelo menos minha parte tinha acabado.

De repente, eu estava fora de tudo aquilo. De volta àquela sala pequena e úmida, assistindo à distância enquanto o vestido da dama fantasma ficava branco, o cabelo clareava, e a cor voltava às bochechas, como ela deveria ter sido antes de toda aquela escuridão tomar conta de sua alma.

Mas a mudança mais marcante foi a dos olhos.

O modo como se transformaram de insondáveis poças negras oleosas — um mar sem fim de tristeza —, em um azul brilhante e calmo.

E quando olhou para mim, diretamente nos meus olhos, o sorriso que deu foi tão glorioso, tão iluminado, tão cheio de *esperança*, que ela se elevou como um balão de gás hélio e saiu flutuando daquela pequena janela em direção ao céu.

Cutuquei Buttercup, que estava deitado a meu lado, e o vi tirar as patas de cima dos olhos e correr imediatamente para onde estava Bodhi, encolhido num canto, com

os braços apertados em volta da cintura, quase transbordando todo o sofrimento e a dor que ele sentia e não sabia onde pôr.

E só precisei de uma olhadela para saber que, embora parecesse estar conosco, na verdade ele ainda não estava. Em sua cabeça, em sua alma, estava de volta àquela solitária ilha rochosa, lutando contra as emoções que voluntariamente absorvera, tentando achar uma maneira de suportá-las, processá-las, para que ele também conseguisse se libertar delas e seguir adiante.

E mesmo sem saber ao certo se deveria fazer isso, mesmo sem ter certeza se era permitido, e sabendo que havia uma grande chance de que ele me repreendesse depois, arrastei-me em sua direção. Ajoelhei-me a seu lado, coloquei a mão sobre seu braço e entrei em seu campo de energia. Aprendi há muito tempo, ainda quando vivia em Summerland, que tudo é feito de energia, nossos corpos, nossos pensamentos, *tudo*.

O que significa que todos estamos conectados.

O que significa que se realmente quisermos conhecer alguém, ou confortar alguém de alguma forma, tudo o que temos que fazer é prestar atenção a essa pessoa e nos sintonizarmos com ela.

Na verdade, isso é tudo o que é preciso.

Ele se esforçou, e se esforçou, por tanto tempo, que fiquei preocupada, achando que ele não resistiria. Mas mantive minha promessa, e, além de observar enquanto a batalha se desdobrava, não fiz mais nada, não me intrometi. Apenas me segurei enquanto ele passava por toda a jornada emocional que a mulher vivera: o medo que sentira quando os garotos não retornaram; o irresistível pesar que surgira quando ela descobriu que os filhos nunca voltariam; sua indignação quando fora acusada do crime; sua austera resignação quando fora julgada de forma tão injusta, e até o momento em que ela desistira de si mesma — que acabou por ser o mesmo momento em que todos os outros também pareceram desistir dela. Embora soubesse que não fora responsável pelas mortes, ainda assim encontrara um lugar para a culpa. Ainda assim escolhera continuar sofrendo sua punição muito tempo depois de já ter sido enforcada. E apesar de os filhos terem permanecido na mesma casa, divertindo-se com séculos e mais séculos de malvadezas e artimanhas maliciosas, é como se estivessem tão imersos nos próprios mundos isolados, que não tinham a menor ciência da existência da mãe, assim como ela ignorava a deles.

— Ela voltou — sussurrei, sabendo que dizia a verdade. — Todos estão juntos de novo. Acabou, finalmente. Graças a você.

Apertei o braço de Bodhi, e meus ombros foram erguidos quando ele começou a piscar e a se mexer. Colocou as mãos no rosto e esfregou os olhos, e depois me lançou um olhar semicerrado, dizendo:

— Você está bem?

Fiz que sim com a cabeça, emocionada demais para confiar na própria voz. Em vez de falar, pensei: E você? Sabendo que ele escutaria meu pensamento tão bem quanto qualquer palavra que eu pudesse dizer.

Ele esticou as pernas, alongou o pescoço de um lado para o outro, curvou as costas por um instante e então ficou parado. Ofereceu-me suas mãos e me puxou para cima também, mudando totalmente de expressão ao dizer:

— Pedi a você que não interferisse.

Fiquei paralisada, mal acreditando no que tinha acabado de escutar.

— Pedi para ficar fora disso. Mas não, você não me escutou. Você nunca escuta. Tem problemas sérios em escutar. — Ele balançou a cabeça e continuou: — E a verdade é que não sei bem o que fazer com você, Riley. Nem mesmo tenho certeza de ser mesmo o guia certo para você. Quer dizer, é bem óbvio o quão é difícil para você tentar me respeitar.

— *O que...* — Sacudi a cabeça, eram tantos argumentos brotando de uma só vez que nem sabia por qual começar. — Está brincando? — Olhei para ele, e logo percebi que não estava, nem um pouco. — Porque, só para sua informação, fiz o que me pediu, e devo dizer que não foi nada fácil. Caso não tenha percebido. Fui eu que vi você ficando todo maluco e convulsivo e esquisito. E ao mesmo tempo não tinha a mínima ideia se você conseguiria ou não escapar, sem dizer que não sabia o que poderia acontecer comigo se você não conseguisse. E, ainda assim, ignorei minhas dúvidas, engoli meus medos e me mantive parada com a cabeça emersa, sem ajudá-lo de nenhum jeito. E então, mesmo depois de ter sido tirada dali, mesmo depois de você ter engolido o sofrimento e ela ter subido para o céu rodopiando, tudo o que fiz foi tocar em seu braço, para ter certeza de que estava bem. Foi isso. Juro. Então, não tem o direito de dizer o que disse. Direito nenhum, na verdade...

Ele olhou bem para mim e me interrompeu, dizendo:

— Vê? É exatamente desse tipo de coisa que estou falando. Veja como você fala comigo! Diga, Riley, também se comportava assim quando estava viva? Falava desse jeito com seus pais, com os professores na escola?

Torci os lábios para o lado, coloquei as mãos na cintura e pensei a respeito. Pensei bastante e por um longo tempo antes de dizer:

— Às vezes, sim. Qual é o problema?

Ele se virou, ajeitando as roupas e enfiando a barra da camisa novamente dentro das calças enquanto olhava para fora daquela pequena janela quadrada e dizia:

— O fato é que você interferiu, *sim*. E agora, por causa disso, não tenho ideia se receberei o crédito de que preciso desesperadamente por tê-la feito atravessar a ponte. — Ele balançou a cabeça e apertou a ponta do nariz, fez uma pausa de alguns instantes, pôs os pensamentos em ordem e depois continuou: — Não sabe o que fez. Não tem a menor ideia de como tudo isso funciona. Você apenas mergulha de cabeça, presumindo que sabe muito mais do que sabe, recusando-se a ter a mínima consideração com o que lhe pedi. — Ele se virou para mim, tirou uma mecha de cabelo molhado do rosto e a colocou atrás da orelha, e disse: — Provavelmente não deveria lhe contar isso, porque apenas me desrespeitará ainda mais, mas sabe a Mulher Lamuriosa? Ela era minha última chance. Minha última possibilidade de me redimir e seguir em frente. Mas agora que se intrometeu, apesar de eu ter avisado para ficar quieta em seu lugar, provavelmente serei rebaixado, e isso se tiver sorte...

— Mas aí é que está, eu não interfeiri — eu disse, agitando os braços no ar, desesperada para que ele acreditasse. — É isso que estou tentando dizer todo esse tempo. É isso que você parece não entender. Eu estava lá, sim, ambos sabemos disso. Vi a coisa toda, tudo. Mas foi só *isso*. Tudo o que fiz foi ter *esperança* e tentar cercá-lo de esperança. Eu tive esperança de que você descobriria a própria força interior. Tive *esperança* de que você continuaria no caminho certo, em sua missão de ajudá-la a seguir para um lugar melhor. Foi isso! Juro. Então me diga, ó poderoso guia, desde quando ter *esperança* é algo considerado ruim? Desde quando ter esperança faz com que uma pessoa seja rebaixada de posto? Quer dizer... é sério... minha nossa! — Balancei a cabeça e cruzei os braços na altura do peito, novamente desanimada pela facilidade com que eles se enquadravam ali. — Se é assim que as coisas funcionam em Aqui & Agora, se eles realmente têm um tipo de campanha *antiesperança*, então não, obrigada. Não voltarei tão cedo, não importa quantos Apanhadores de Almas mandem atrás de mim. E também não deixarei que Buttercup volte. Prefiro que a gente fique bem aqui e assuma o controle como os novos fantasmas do Castelo Warmington. Tudo o que tenho a fazer é inventar algum novo tipo de truque fantasmagórico legal que não tenha sido feito antes e... — Suspirei, perdendo o fio da meada e balançando a cabeça quando meus olhos encontraram os de Bodhi.

— Jura que não interfeiri? — ele perguntou, claramente querendo acreditar nisso.

— *Sim!* — praticamente gritei, desesperada para que ele me escutasse. — Tenho certeza absoluta, juro por minha própria morte!

— Tudo bem, mas jura pela sua música preferida da Kelly Clarkson? — Ele inclinou a cabeça e olhou fixamente para mim.

Fiquei surpresa, imaginando como ele poderia saber de minha inclinação a encher o iPod com todas as músicas dela. Então, num clique, entendi. Ele assistira ao meu filme. Havia sido parte de sua preparação, antes de assumir a responsabilidade por mim. Foi forçado a assistir a toda a estúpida saga de minha vida, que infelizmente foi intitulada de: *A (Curta, Patética e Completamente Desperdiçada) Vida de Riley — Tudo o que Você Sempre Quis Saber, de A a Z*.

— Não se preocupe, não foi a versão de A a Z — ele disse. — Apenas os melhores momentos, o trailer, só isso. Mas, o que é mais importante, está dizendo que realmente fiz isso... Que engoli o sofrimento dela e a levei até a ponte sozinho?

— É. — Concordei com a cabeça, vendo o rosto dele se iluminar com um sorriso pela primeira vez desde que o conheci, e fiquei impressionada por como isso o transformou completamente. — Como disse, minha única contribuição foi ter esperança, nada mais. E eles não podem culpar uma pessoa por ter esperança, podem?

Ele olhou para mim, ainda sorrindo, e disse:

— Não, com certeza não podem. — Levando-nos, Buttercup e eu, para fora daquela sala, ele olhou para trás e continuou:

— Então, o que acha? Ainda está de pé aquela aula de voo?



O negócio é o seguinte: mesmo depois de eu ter dominado a arte de permanecer no ar com sucesso, nenhum de nós dois tinha a menor ideia de o que fazer a respeito de um probleminha chamado Buttercup.

Já que não falávamos a língua dos cães, e não sabíamos nem por onde começar a tentar ler sua mente, bem, digamos apenas que estávamos total e completamente confusos a respeito de como tirá-lo do chão.

Como tudo mais em meu mundo, aprender a voar resumiu-se a uma coisa:

Desejo.

Tudo era abastecido por desejo.

Nada era isento.

O que significava que asas não eram necessárias.

(Embora algumas pessoas acabassem gostando tanto da aparência, que as usavam mesmo assim. Esse é o motivo, segundo Bodhi, pelo qual toda a história de anjos com asas começou.)

Mas, ainda assim, no fim das contas, tudo se resumia a quanto você queria algo.

A com que precisão conseguia imaginar-se tendo e/ou fazendo aquilo. E no quanto acreditava que realmente podia ter e/ou fazê-lo.

Era simples.

Bem fácil.

Só era preciso saber materializar.

Mas a questão era: *Será que um cão poderia mesmo materializar algo?*

Algo tão estranho à sua natureza quanto voar?

E quase tão importante quanto isso: por que Buttercup iria querer fingir ser um pássaro voando de galho em galho, quando era tão óbvio que adorava ser um cachorro?

Mas então pensei a respeito, pensei bastante e por muito tempo a respeito, e lembrei-me da grande quantidade de vezes em que o encontrei em seu próprio pequeno nirvana, criado por ele mesmo — cercado por pilhas de sua marca favorita de biscoitos caninos, cochilando em um solitário pedacinho iluminado pelo sol, que alguns momentos antes nem existia.

E foi quando eu soube exatamente o que o faria levantar voo.

Tudo o que tínhamos que fazer era achar um jeito de que Buttercup *quisesse* voar.

Caso contrário, um de nós dois teria que carregá-lo pelo caminho todo até Londres.

Estávamos em um dos muitos jardins do Castelo Warmington, e decidimos usar como pista de decolagem o que tinha um labirinto e um emaranhado de rosas. Apesar de ter dito a Bodhi que se não conseguisse decolar, e em vez disso acabasse toda enrolada naquelas roseiras espinhentas, eu reclamaria disso no ouvido dele para sempre.

Mas ele apenas gargalhou, soltou aquele prazeroso e tilintante som natural de gargalhada que vinha controlando até pouco tempo antes, mas que depois de libertar a Mulher Lamuriosa parecia usar com frequência.

Acho que o medo de falhar, a possibilidade de ser rebaixado e tudo mais eram o que o deixava tão rabugento e sério. E, depois que me explicou isso, bem, parecia ser um bom motivo.

Aquele não fora seu primeiro encontro com a Mulher Lamuriosa.

Ele já estivera lá antes.

Foi com seu próprio guia, de quem, por sinal, ainda se recusa sumariamente a dizer o nome e a descrever, mas jura que o encontraremos algum dia — *talvez* (pôs grande ênfase no talvez) —, *se e quando* (de novo, ênfase) ele sentir que mereço. Embora não tenha conseguido de jeito nenhum dizer com detalhes como eu poderia conseguir isso.

Mas, seja como for, da forma como me contou: a primeira vez em que se aproximou dela, olhou dentro daqueles olhos horríveis e profundos e desceu voando pela escada, passou pelo corredor, desceu a outra escada, e blá-blá-blá, até encontrar um caminho para chegar ao jardim, e estava branco como papel, e suspirava por sua preciosa vida (sim, mesmo já estando morto).

Na segunda vez, ele sabia que não poderia se comportar daquela maneira de novo, não se quisesse mesmo conquistar “seu brilho” (um termo ao qual também deu bastante ênfase, mas que, embora eu o tenha pressionado, recusou-se a explicar), e então, quando ela se virou e seu olhar encontrou o dele, ele não hesitou, apesar de querer muito, muito mesmo, fazê-lo.

Ele também não gritou nem saiu correndo da sala.

Em vez disso, apenas entrou de cabeça, determinado a engolir o sofrimento dela e a provar que era capaz.

No entanto, logo que começou, ficou tão impressionado com o desespero infinito que ela sentia, que simplesmente cuspiu tudo de volta para ela, e observou enquanto aquilo pingava e tomava forma até que ela pôde absorvê-lo.

E logo depois disso, ele foi conduzido (por assim dizer) de volta a Aqui & Agora. Onde insistiram para que se matriculasse em algumas aulas avançadas de tolerância e compaixão, com as quais ele finalmente cresceu e aprendeu o bastante para obter o diploma de seu nível, e passar para a etapa seguinte, e quando insistiram em que assumisse a tarefa não tão fácil de guiar uma destemida, petulante, irritadiça e um pouco rebelde (palavras dele, não minhas) garota de doze anos de idade cuja vida tinha sido tirada recentemente.

Então quando (para não dizer *se!*) ele aprendesse direito como me deixar sob controle, *bem*, disseram que talvez pudessem pensar em deixá-lo encarar o terceiro round da luta Bodhi *versus* Mulher Lamuriosa.

Tudo isso quer dizer que nem deveríamos *estar* no Castelo Warmington, para começar.

Aparentemente, um fantasma totalmente diferente já tinha sido escolhido e estava pronto para que eu, eh, o persuadissem pacientemente e convencesse a atravessar a ponte.

Mas, como Bodhi ressaltou, assim que ele pôs os olhos em mim, assim que olhei para ele e supus que seria um cara bobão, foi quando ele soube que eu conseguiria dar conta do Garoto Radiante — ou *Garotos* Radiantes, como se constatou depois.

E se eu, no fim, não conseguisse, imaginou que seria a oportunidade perfeita para que eu recebesse a bela dose de humildade que ele achava que eu tanto merecia.

Então, sim, talvez ambos estivéssemos um pouco contentes com o que fizemos.

Um pouco “orgulhosos”, como dizem na boa e velha Inglaterra.

Mas por que não estaríamos?

Tínhamos acabado de realizar aquilo que os superiores, ou seja, os membros do Conselho, tinham certeza de que não conseguiríamos.

Ambos tivemos grande sucesso naquilo em que muitos outros falharam.

E tudo o que nos restou foi a tarefa aparentemente simples de fazer meu doce labrador amarelo sair do chão, para que pudéssemos celebrar nosso duplo sucesso em Londres.

Mas o problema com Buttercup é que, não importa quanto ele seja bonitinho e doce e bem-comportado, também é meio que covarde (como ficou provado pelo jeito como fugiu do Garoto Radiante e me deixou sozinho para me defender).

Sem dizer que ele também é um tanto preguiçoso.

Porque quando Bodhi teve a ideia (que no momento achei brilhante) de jogar os biscoitos favoritos de Buttercup no ar, numa tentativa de convencê-lo a voar para pegá-los, o cão só lambeu os beiços, fechou os olhos e materializou a própria pilha de biscoitos caninos, sem se mexer um centímetro sequer.

Então, depois de uma série de testes planando ao redor do jardim, dando rasantes pelo labirinto com o cabelo balançando e o vento soprando em meu rosto, enquanto Buttercup me seguia lá embaixo, latindo e balançando o rabo feito louco, percebi outra coisa a seu respeito.

Ele é domesticado.

Um genuíno animal de companhia.

E o que odeia mais que qualquer outra coisa é ser deixado sozinho por muito tempo.

Então, quando pedi a Bodhi que se juntasse a mim, insistindo em que voasse a meu lado, enquanto íamos diretamente para Londres sem olhar nenhuma vez para trás, para que nos comprometêssemos com a missão, de forma que Buttercup achasse que planejavamos nunca mais voltar, ele concordou.

Nossa conclusão era de que só havia uma única forma de o cão se juntar a nós na viagem: se voasse a nosso lado.

Não seria permitido carregá-lo.

Então decolamos.

Ambos começamos correndo bastante (não por ser necessário, mas por ser divertido).

Voamos lado a lado, esforçando-nos ao máximo para não olhar para baixo enquanto Buttercup nos seguia no chão, certo de que era algum tipo de brincadeira.

Decidimos continuar voando, sem olhar uma vez sequer para trás, muito tempo depois de sobrevoar o grande muro que cercava o lugar e que, por algum motivo estranho, fez com que Buttercup parasse. Até que, assim como eu enquanto encarava os Garotos Radianes no momento mais assustador, o cão percebeu que o medo estava apenas em sua cabeça e também ultrapassou seu obstáculo.

Estávamos cem por cento empenhados apenas em seguir em frente, sem nos dobrarmos à terrível série ininterrupta de ganidos, uivos e latidos desesperadamente produzida por Buttercup a correr abaixo de nós. Ele estava certo de que tinha sofrido um golpe cruel do destino, de que fora permanentemente abandonado no chão.

Ambos esperávamos, tínhamos esperança de que o desejo de Buttercup finalmente se elevasse a um nível que o fizesse, de forma mágica, voar a nosso lado.

E bem quando eu tinha certeza de que não aguentaria mais, quando estava prestes a quebrar minha própria promessa e a mergulhar na direção de meu pobre cão desesperado, para tomá-lo em meus braços...

Eu o vi.

Com as orelhas coladas à cabeça e o rabo balançando feito louco, o que o levou a descer e girar e até mesmo mergulhar de ponta-cabeça algumas vezes, de um jeito que fez meu estômago revirar. Então ele descobriu como fazer, endireitou-se e aprendeu a usar o rabo como um leme, para se orientar e se manter nos eixos, até ficar totalmente adaptado e planar corretamente a nosso lado, como se fizesse aquilo havia dias.

E embora eu não pudesse ouvir seus pensamentos ou ler o que se passava em sua mente, sua expressão era tudo aquilo de que eu precisava para saber que ele estava adorando cada segundo.

Gostando mais do que de um cantinho quente e ensolarado, do que uma tigela cheia de biscoitos e do que um longo passeio de carro com as janelas abertas.

Gostando mais do que gostava de todas essas coisas juntas. Buttercup encontrou um novo passatempo favorito.

E entregou-se a ele de forma tão natural e graciosa, como se fosse um pássaro.



Dlanamos em meio a nuvens brancas, fofinhas e carregadas de névoa. Planamos sobre topos de montanhas nevadas, edifícios, rios e lagos. Planamos perto de grandes bandos de pássaros. Buttercup quis latir para eles e persegui-los, determinado a pegar um e trazê-lo orgulhosamente como se fosse algum tipo de troféu, tal qual fazia quando estava vivo. Ele olhava para mim e Bodhi profundamente confuso toda vez que, em vez de capturar uma das aves, voava diretamente através delas.

E quando chegamos a Londres, eu soube.

Bodhi não precisou me contar, não teve que me dizer nem uma única palavra.

Bastou olhar uma vez para aquele rio amplo e sinuoso, cheio de pontes e navios, ladeado por prédios altos, que reconheci exatamente o que era.

O rio Tâmisa, a ponte de Westminster, o Big Ben — sobrevoamos tudo isso. Até passamos bem, bem perto da cabine mais alta da London Eye, que, caso não saiba, é a roda-gigante mais legal do plano terreno; depois descemos até a parte mais baixa e subimos de novo, seguindo-a cuidadosamente enquanto girava e girava na direção do céu.

Em seguida fomos para as ruas, deslizamos sobre um daqueles ônibus vermelhos de dois andares pelos quais Londres é famosa e passamos por janelas de apartamentos, ou flats, como dizem os moradores locais, cobertas por cortinas.

Então descemos mais ainda, quase roçando no alto das árvores altas, e depois ainda mais baixo, quase encostando na cabeça das pessoas altas. E quando estiquei o dedo e toquei ligeiramente na aba do chapéu de um cara, derrubando-o de sua cabeça e deixando-o perplexo, Bodhi se virou para mim com um olhar de reprovação e fez cara feia. Mas eu apenas ri e mostrei a língua para ele, e depois fiz de novo, para completar.

Continuamos na direção de um círculo movimentado, que achei ter reconhecido de fotos que eu vira de Piccadilly Circus, e foi quando vi aquilo. Ou melhor, quando as vi.

A grande multidão de pessoas.

Todas apressadas para chegar ao trabalho ou à escola, ou a qualquer lugar para onde as pessoas seguem apressadas depois de tomar café da manhã e se vestir.

Todos tinham algo em comum: iam para algum lugar, e estavam determinados a chegar a esse lugar rapidamente.

Todas essas centenas de pessoas que tinham algum lugar aonde ir — cada uma delas completamente alheia a mim.

Elas não tinham ideia de que eu as sobrevoava.

Não tinham ideia de que era eu quem provocava o movimento atrás de suas nuças e a brisa em suas bochechas.

Completamente incapazes de me ver como eu as via.

Claramente.

Essencialmente.

Nos mínimos detalhes.

Elas estavam vivas, respiravam e eram totalmente nítidas para mim. Ainda assim, nenhuma delas tinha noção de nossa existência.

Uma menina, seu guia e seu cachorro: todos pairando sobre eles. Olhando para as massas alheias abaixo.

Senti um nó na garganta, e meus olhos começaram a arder, então me forcei a concentrar a atenção em outra coisa, observando enquanto Buttercup continuava a perseguir pássaros, rodando e girando e rodopiando e saltando, esforçando-se cada vez mais, sem resultado algum, sem conseguir entender o porquê de sua falta de sucesso.

Até dei uma espiada em Bodhi, que se livrara da roupa de nerd tão logo levantamos voo, explicando rapidamente que o terno inspirava mais respeito, fazia com que as pessoas (eu e seu guia) o levassem mais a sério que se vestido com suas roupas normais. Embora, em minha opinião, ambos concordássemos que, no que diz respeito a experiências, aquela em particular fora um grande fracasso.

Mas depois de trocar as vestes de nerd por jeans, suéter e tênis — o que garotos de sua idade usariam normalmente —, ficou o mais longe possível do que poderia ser uma imagem de “bobão”. E acho que é por isso que antes ele parecia tão *por fora*. Era como se os vivos que recebeu no palco na cerimônia de formatura, o modo casual e curvado como parava, sem mencionar que ele arrasava no skate... *bem*, não combinassem como o visual que ele tentava passar. Era como se antes estivesse disfarçado, como se usasse algum tipo de fantasia, determinado a esconder o fato de que era simplesmente como qualquer outro garoto normal de catorze anos.

Só que Bodhi não era normal.

Nem um pouco.

Não apenas porque estava morto. Não apenas porque era meu guia. Mas sem os cabelos enebados e penteados para trás, sem as roupas provenientes da Central dos Nerds, sem o rosto coberto por aquelas armações horríveis e inquebráveis que usava, ele na verdade... *era bonitinho*.

Não. Apague isso. Porque a verdade é que ele era muito mais que bonitinho.

Era praticamente o Zac Efron da pós-vida.

Mas, assim que me olhou nos olhos e me pegou olhando para ele, desviei o rosto.

A última coisa que precisava era de que ele lesse esses pensamentos.

E apenas para me proteger, somente para manter tudo ordenado, certo e no lugar, eu também decidi que, não importava quanto continuasse se revelando bonito e legal, para mim ele sempre seria, pelo menos secretamente, o cara bobão.

Era mais fácil assim.

Juntei as pernas e estiquei os pés como flechas, pois aprendi que isso me livraria de qualquer resistência do vento e me permitiria voar ainda mais rápido e mais alto. Mesmo ouvindo Buttercup latindo atrás de mim, dividido entre me seguir ou perseguir um novo bando de pássaros com o qual deparara, mesmo ouvindo Bodhi me chamar, dizendo: “Ei, Riley, diga quando estiver pronta para aterrissar!”, eu fingi não ouvir.

Na verdade, depois de ter visto tudo aquilo, não queria mais aterrissar.

De repente despertei para algo que não vira antes.

A Terra continuava girando.

As pessoas continuavam amando, rindo, respirando.

Todas permaneciam ocupadas com a grande tarefa que era viver.

E nenhuma delas sentiu minha existência. Nenhuma delas soube que eu ainda andava entre elas.

Sem contar que era hora de encarar o fato de que mesmo as pessoas que me conheciam — meus amigos, professores etc... —, bem, elas já tinham seguido adiante. Já tinham se afastado de mim e continuado com as próprias vidas, reduzindo-me a uma pequena lembrança guardada de uma pobre e infeliz menina de doze anos cuja vida fora repentinamente encerrada. Não queriam se concentrar em minha perda por mais tempo que o necessário, por temerem ter que refletir sobre a própria existência cada vez mais curta.

Sabia que Ever sentia minha falta, assim como tia Sabine. Quanto às demais pessoas, bem, o número delas que ainda pensava em mim em raras ocasiões diminuía para apenas algumas poucas.

Fechei bem os olhos, sentindo aquela terrível ardência ameaçar escorrer pelos lados, e aproveitei para listar rapidamente todos os motivos bons e lógicos que justificavam que eu não precisava chorar:

1. Eu me sentia mais viva que nunca, apesar de meu atual estado de invisibilidade.

2. Eu cumprira minha tarefa, Bodhi cumprira a dele, e nós dois, juntos, realmente tínhamos ajudado as outras almas e feito algo bom.

3. Eu estava voando! Sobrevoava uma parte do mundo que sempre quisera ver, e, para melhorar ainda mais, meu cachorro passeava e se lançava através das nuvens a meu lado.

4. Meu guia mostrou-se não ser, nem perto, o grande bobão que eu presumira que fosse, o que também significava que poderia não ser tão ruim trabalhar com ele no futuro. Sem dizer que eu posso ter aprendido uma lição muito importante sobre julgar as pessoas com base somente na aparência.

Ou talvez não.

Sobre a última parte eu ainda teria que refletir.

E enquanto pensava nessas questões com os olhos ainda bastante fechados, bloqueando toda a minha visão, Bodhi veio por trás de mim e gritou:

— Ei, Riley... cuidado!

Abri os olhos rapidamente e me vi entrando de cabeça em um prédio alto feito de um tipo de vidro que reflete tudo ao redor.

E fiquei impressionada.

Não por medo, pois sabia que não corria perigo: simplesmente o atravessaria se não conseguisse parar ou reduzir a velocidade.

Não, a verdade é que fiquei impressionada *comigo*.

Impressionada pela *visão* de mim mesma.

Pelo modo como todo o meu corpo brilhava de um jeito que eu nunca vira.

Brilhava como o da líder de torcida.

Brilhava parecido com o de Bodhi e de todos os outros que estavam naquele palco.

E mesmo que meu brilho não chegasse a ser tão brilhante quanto o deles...

Eu brilhava.

Não havia como negar.

Desviei para a direita no último segundo, evitando ir de encontro à minha imagem; depois desci, dei um grande loop e me encarei mais uma vez.

Vi tudo aquilo diante de mim, claro como o dia.

Meu corpo pequenino e magro, o peito reto, praticamente afundando, os cabelos louros lisos com a franja caída sobre olhos azuis brilhantes ao lado do que era um nariz inegavelmente semiachatado. Mas minhas bochechas alargaram-se e coraram, e um grande sorriso cheio de dentes formou-se em meu rosto enquanto eu continuava a olhar para aquele brilho verde-claro forte que irradiava e dançava a meu redor.

— Você está vendo? — perguntou Bodhi chegando perto de mim com um sorriso quase tão largo quanto o meu.

Fiz que sim, tão surpresa com minha aparência, que mal podia falar. Tive que limpar a garganta várias vezes até conseguir pronunciar:

— Sim, estou vendo. Mas o que significa? — Olhei para ele rapidamente e depois voltei a focar na nova e brilhante versão de mim.

— Significa que ganhou seu brilho. — Ele sorriu, flutuando a meu lado. — Significa que está no caminho certo.



No início eu queria parar e talvez comprar umas lembrancinhas para minha família (ainda não sei como faria isso em termos de logística, na verdade, mas na hora me pareceu uma boa ideia), mas depois de ver meu reflexo brilhante, depois de ouvir Bodhi explicando que há vários níveis diferentes em Aqui & Agora, e que cada um deles é sempre melhor que o anterior, e que meu novo brilho verde-claro me identificava como um membro legítimo da equipe do nível 1,5, e que se eu continuasse fazendo um bom trabalho transcenderia aquela cor e nível rapidamente, e brilharia em uma série de cores, cada uma delas representando uma esfera maior — depois de ele ter exposto tudo isso, não senti mais necessidade de descer.

Londres era uma cidade agitada.

Agitada demais para mim.

E, para ser sincera, já havia me cansado mesmo da vida de espiã.

De existir indiretamente, por meio daqueles que estão vivos.

Principalmente agora, quando finalmente me dera conta da ironia de tudo isto: de como minha vida ficaria cada vez mais rica, mesmo quando todos aqueles que eu via lá embaixo estivessem mortos e enterrados.

O mais importante, porém, é que pela primeira vez em muito tempo eu poderia ser alguém importante.

Pela primeira vez em muito tempo eu não precisaria viver por meio das experiências de outra pessoa. Não quando claramente era hora de começar a reivindicar minhas próprias.

— Vamos voltar — eu disse, no início um pouco abalada por minha decisão, mas logo tomada pela expectativa. Eu sabia que voltaria a visitar o plano terreno, e deveria ser em breve, considerando a quantidade de fantasmas que eu teria de convencer a atravessar a ponte. Mas, por enquanto, só queria comemorar minha vitória no lugar ao qual realmente pertencia.

— Vamos para *casa*. — Sorri, voando na frente e sabendo instintivamente como chegar lá.

De vez em quando, olhava para o plano terreno enquanto atravessava as nuvens, ciente de que, assim como as pessoas apressadas lá embaixo, eu também precisava chegar a um lugar importante.

Fim



Agradecimentos

Agradecimentos grandes, enormes e brilhantes a todas as pessoas maravilhosas da St. Martin Press e da Macmillan Children, que ajudaram a dar vida às minhas histórias, entre elas Matthew Shear, Rose Hilliard, Anne Marie Tallberg, Katy Hershberger, Brittney Kleinfelter, Angela Goddard, Jean Feiwel e Jennifer Doerr.

A Bill Contardi – agente extraordinário!

A Sandy – que lê tudo primeiro!

E, é claro, um agradecimento muito especial aos meus leitores, por toda a cordialidade, o humor e apoio generoso. Vocês fazem com que eu me sinta a escritora mais sortuda do mundo.

Alyson Noël



Alyson Noël é autora de nove romances. Nasceu em Orange Country, na Califórnia, e após o ensino médio decidiu conhecer o mundo – viajou por toda a Europa e acabou por se fixar na ilha grega de Míkonos. Hoje, de volta aos Estados Unidos, mora com o marido em Laguna Beach e dedica-se integralmente a seus livros.

<http://www.alysonsoel.com/>



Sanctuary of Souls

"Asylum of the ones whose souls
are buried in the dark sanctuary"



Email: sanctuary_of_souls@live.com

Orkut: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=111675904>